

ALIX

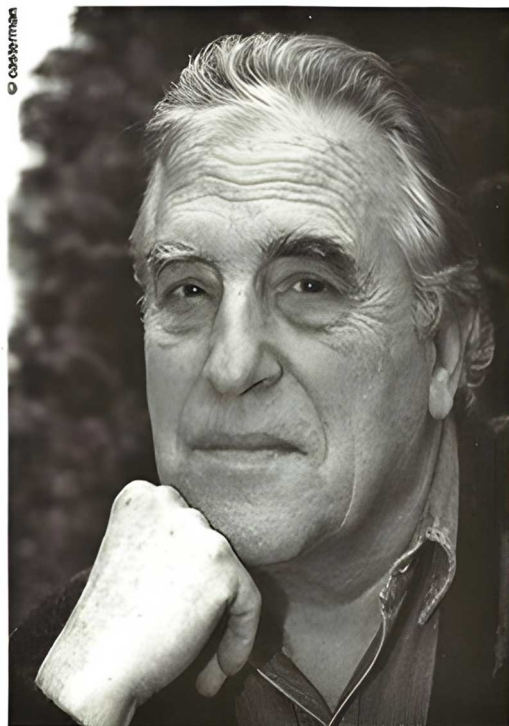


JACQUES
MARTIN

O ESPECTRO DE CARTAGO



ASA



Jacques Martin

Argumentista e desenhador
(1921-2010)

Jacques Martin nasceu em Estrasburgo a 25 de Setembro de 1921.

A arte clássica, a BD e a história são, desde muito cedo, as suas paixões. A morte prematura do pai obrigou Jacques Martin a optar pela engenharia e a frequentar um curso de artes e ofícios na Bélgica.

É já depois do final da Segunda Guerra Mundial, em 1946, que começa a percorrer os editores belgas, a quem apresenta os seus trabalhos. Associa-se a Henri Leblcq, adoptando o pseudónimo comum Marleb. Nesse período, Martin alterna séries humorísticas com outras em registo realista. Durante a mesma época, desenha também para a revista *Bravo!*, onde assina Monsieur Barbichou (1946-1949), Lamar l'Homme Invisible (1947) e as aventuras de Oell-de-Perdrix (1947), entre outros trabalhos.

Em 1948, entra no colectivo da revista *Tintin*, onde concebe a série Alix, que se tornará nas décadas seguintes uma das obras-primas da banda desenhada franco-belga.

Em 1952, propõe Lefranc, que dinamizará em paralelo a Alix. Um ano mais tarde ingressa no Studio Hergé, onde se mantém até 1972. Desse período destaca-se a sua colaboração na série Jo, Zette et Jocko e, sobretudo, *Tintin*.

Em 1970, abandona a execução gráfica de Lefranc, que passa a ser assegurada, sucessivamente, por Bob de Moor, Gilles Chaillet, Christophe Simon e Francis Carin.

Em 1978, concebe a série Xan (depois rebaptizada Jhen), com Jean Pleyers.

A partir de 1983, desenvolve a série Arno, inicialmente desenhada por André Juillard.

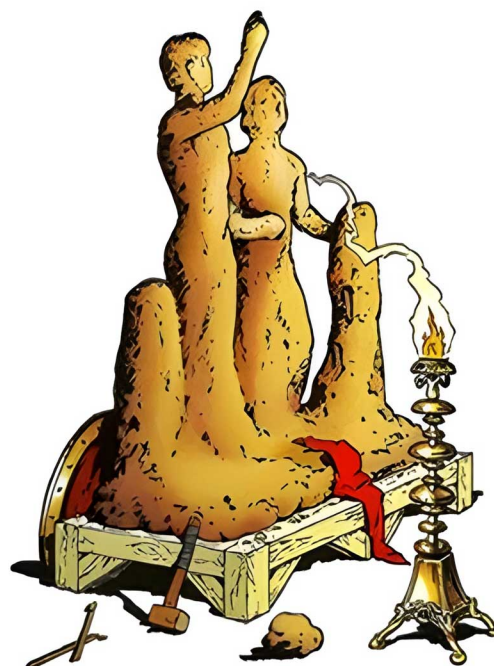
Em 1990, está na origem da série Orion, cujo desenho Martin passará depois a Christophe Simon.

No ano seguinte, de novo com Pleyers, assina o argumento de Kéos, cuja acção decorre no Antigo Egipto.

Revelando um dinamismo criativo permanente, apesar dos seus problemas de vista, Jacques Martin lança, em 2003, a série histórica Loïs (desenho de Olivier Pâques); no mesmo ano, entrega o desenho de Jhen a Bernard Capo.

Na fase final da sua vida, Martin empenha-se na criação de uma equipa de jovens desenhadores, com o objectivo de assegurar a continuação das séries por ele criadas.

Morreu a 21 de Janeiro de 2010, com 88 anos.



O ESPECTRO DE CARTAGO

Alix e Enak encontram-se em Cartago, a cidade do norte de África que foi quase totalmente destruída pelas legiões romanas. Certa noite, o herói é testemunha de um estranho fenómeno: uma luz misteriosa atravessa o céu, matando um soldado. Os dois amigos decidem investigar o ocorrido e descobrem que a situação observada não é caso isolado. As buscas levam-nos até ao velho palácio de Amilcar, construído sobre um promontório rochoso e destruído quase 200 anos antes. Está ali a origem da enigmática bola de fogo que surge por vezes à noite, antes de desaparecer no mar. Um grupo de radicais cartagineses, decididos a desafiar de novo o poder de Roma, está por trás de todas as movimentações que Alix e Enak estão determinados a desvendar. A curiosidade fá-los regressar de novo ao palácio, onde Alix procura novas pistas. O solo cede sob os seus pés e o herói encontra-se nas catacumbas, onde é salvo por uma descendente da mítica rainha Salmô...

O triunfo do fantástico

É nesta aventura que o antagonismo entre Alix e a cultura fenícia, já desenvolvido em aventuras precedentes atinge o seu momento culminante.

Nessas bandas desenhadas, tal como ocorrerá na história seguinte da série (*O Deus Vulcão*), Cartago vê frustradas as suas aspirações de crescimento do comércio marítimo. Em *O Espectro de Cartago*, a cidade procura levar a cabo o ajuste de contas final com o herói, atraído a uma armadilha sob pretexto de uma homenagem do Senado local, que decidiu erigir-lhe uma estátua.

A opção de Jacques Martin por Cartago como palco da narrativa ficou a dever-se a um desejo de regressar a um dos seus "primeiros amores" – *Solambô*, de Gustave Flaubert, que o artista confessava ler de dois em dois anos. A influência é evidente e assumida por Martin, que concebe a personagem Samthô, uma nova Salambô que, dois séculos depois da revolta dos escravos, aspira ao mesmo papel no palco da História. Não o conseguirá, em boa medida devido à violência de comportamento de Alix, causa involuntária da sua morte prematura.

Antes de começar a fazer esta BD, Jacques Martin deslocou-se aos locais da acção, presentemente em território tunisino. "Eu queria ver o local [da acção], ficar com uma ideia das suas proporções e da disposição dos espaços", explicou numa entrevista. Graças a essa deslocação, as reconstituições históricas beneficiaram de um acréscimo de rigor e também uma redobrada riqueza de pormenor, muito certamente postos em evidência pela crítica.

Oricalco – um misterioso metal (ou liga metálica), mencionado por Platão, e peça nuclear da narrativa –, é apenas um dos numerosos elementos que levaram o autor a considerar esta história como aquela em que o fantástico está mais presente. Há passeios nocturnos pelas ruínas, aparições espectrais e efeitos mortais da misteriosa substância que brilha vivamente na escuridão. Tudo isso contribui para a criação de um clima angustiante e opressivo que, nas circunstâncias próprias daquele tempo civilizacional, é quase da natureza do sobrenatural.

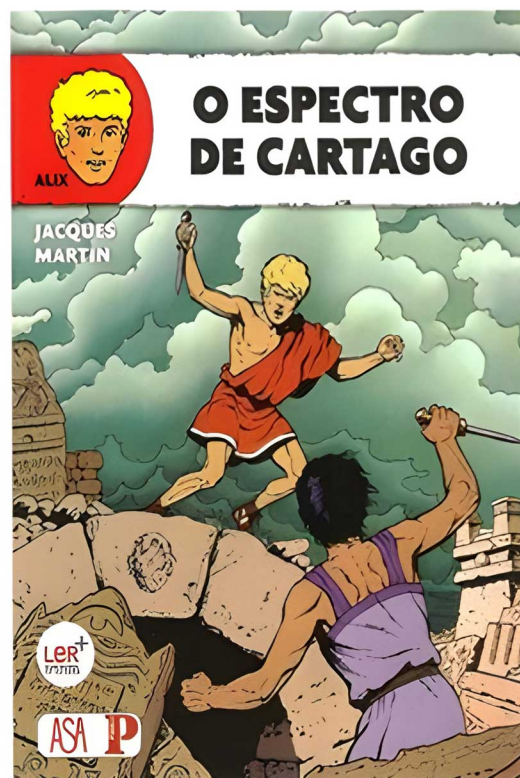
Uma derradeira explosão, avassaladora, elimina os últimos vestígios edificadas de Cartago. É o fim do metal radioactivo e é também o fim da cidade, cujas ruínas Alix e Enak verão diminuir na distância, à medida que o navio romano os conduz ao continente europeu.

Carlos Pessoa

O que disse Jacques Martin...

Não podia situar uma história em Cartago sem evocar de novo, mesmo de passagem, o culto de Moloch-Baal. Não foi por sadismo que mencionel com frequência nos meus álbuns os sacrifícios humanos oferecidos a esse deus aterrador. Eles desempenhavam um papel muito importante, não apenas no plano religioso, mas na luta contra o sobrepovoamento. Na ausência de qualquer meio anticonceptivo, a população de Cartago – como a de muitas outras cidades antigas – conhecia uma natalidade galopante. Essa é certamente uma das razões por que os antigos favoreciam a homossexualidade e realizavam outros sacrifícios pavorosos.

"Avec Alix - L'Univers de Jacques Martin",
de Thilery Groensteen, A. de Kuyssche e Jacques Martin,
edição Casterman.



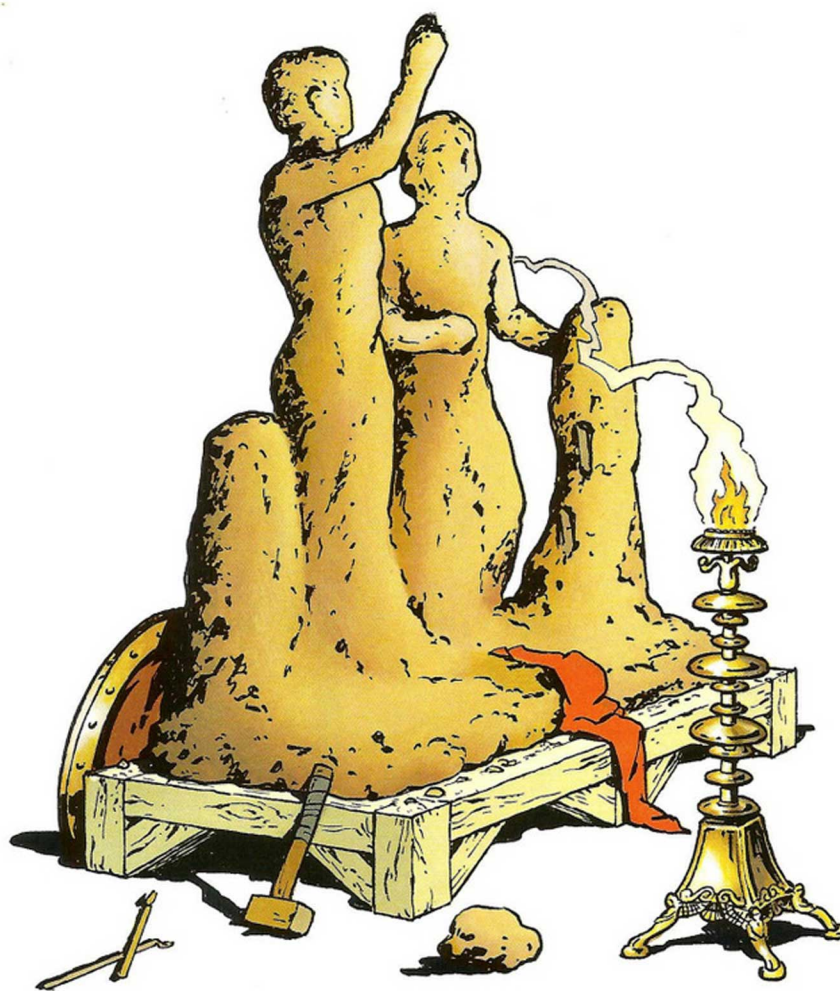
Título original
Le Spectre de Carthage

Primeira publicação na revista *Tintin*
(edição belga) entre 28 de Setembro de 1976 (n.º 40, 31.º ano)
e 19 de Janeiro de 1977 (n.º 3, 32.º ano).

Primeira edição em álbum
em 1977 (Casterman)

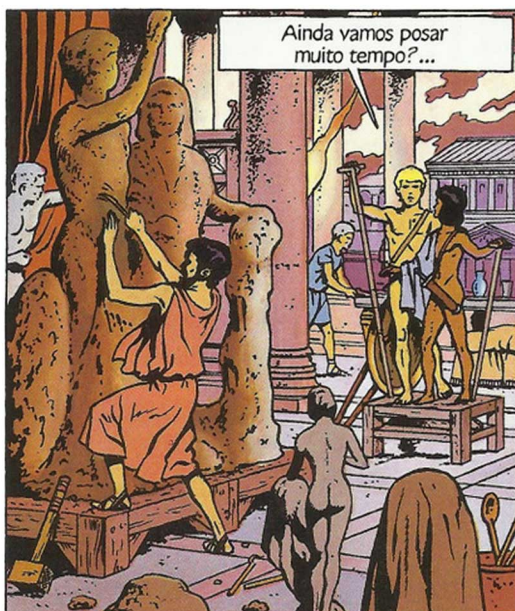
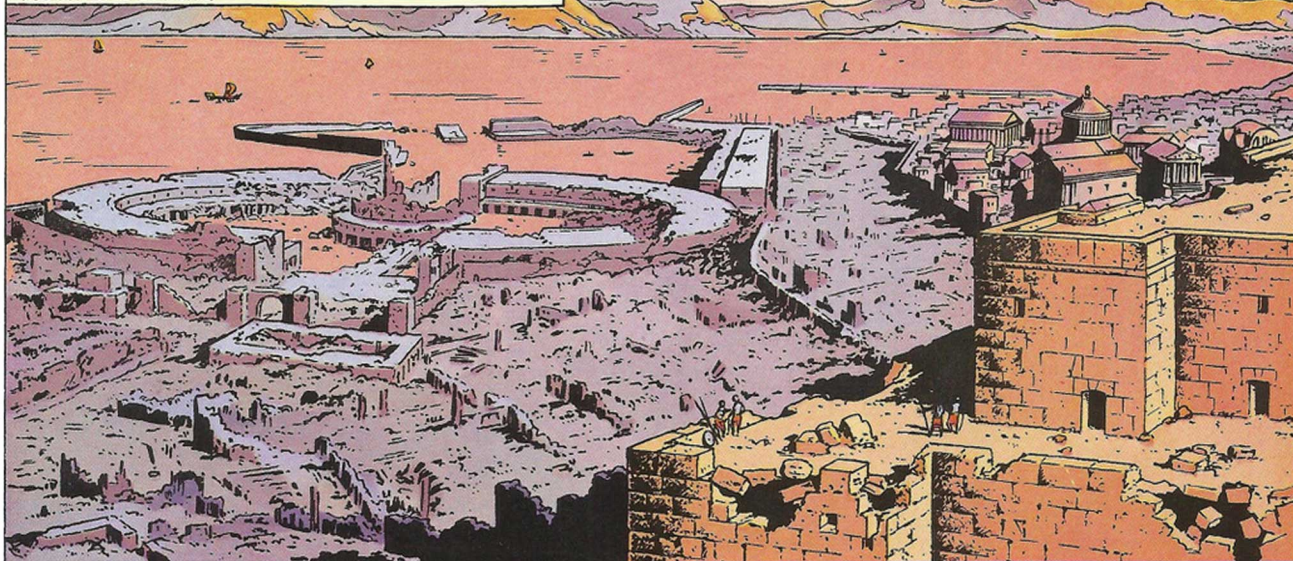
JACQUES
MARTIN

O ESPECTRO DE CARTAGO



ASA Público P

O astro de Tânita já se ergue sobre a nova Cartago, enquanto as ruínas da velha cidade púnica desaparecem nas sombras da noite.



Ainda vamos posar muito tempo?...



Estão cansados, não estão? ... Vamos terminar por hoje. Aliás, o Sol já se pôs e está na hora de irmos comer... Pronto!



Aqui, estaremos muito bem... Mandei preparar estes pratos frios. Com o anoitecer, vem uma brisa do mar. Sentem-se, meus amigos.

Como te agradecer, Scoras? Não só te damos muito trabalho como ainda nos alojamos e...



Eu é que tenho de agradecer, Alix. Os edis de Cartago concedem-me avultadas quantias para eu executar esta encomenda.

Oh! Enak e eu fizemos tão pouco por esta cidade (1)! Não merecemos tais honras... É verdade que não sabes quem teve a ideia de nos dedicar este monumento?...



Hannon, creio!?... Ou talvez outro?!... Já não me recordo! O importante é a vossa presença aqui e que o monumento seja erigido.



Claro. Eh! Que é que?... Que estranho clarão, além!... Vejam!...

De facto!



E subitamente.

AAAH!...

(1) Ver "A Ilha Maldita".



E esta?!...
Caiu como que
fulminado!...

O clarão! Está
a descer para o
antigo porto!...

É fantás-
tico!



Vejam: parece enfraquecer
e está a desaparecer nas
ruínas, lá em baixo.

Que poderá ser
aquilo?...

Não há ninguém
naqueles escom-
bros... Ninguém
poderá explicar
este fenómeno!...
Para além daquele
infeliz soldado!...



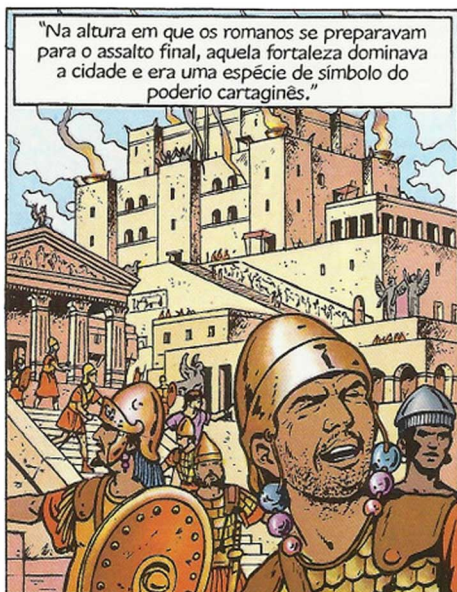
Deve estar num mísero estado!
Que Tânita, a Resplandecente,
tenha piedade dele e o proteja
com o seu manto cintilante!



O clarão sur-
giu daquela
imponente
construção lá
em cima!...

O palácio dos Barca: a famí-
lia de Amílcar, Aníbal e
Asdrúbal... Foi o único edifi-
cio que ficou quase intacto,
após Cipião Emiliano ⁽¹⁾ ter
destruído a cidade.

Como assim?

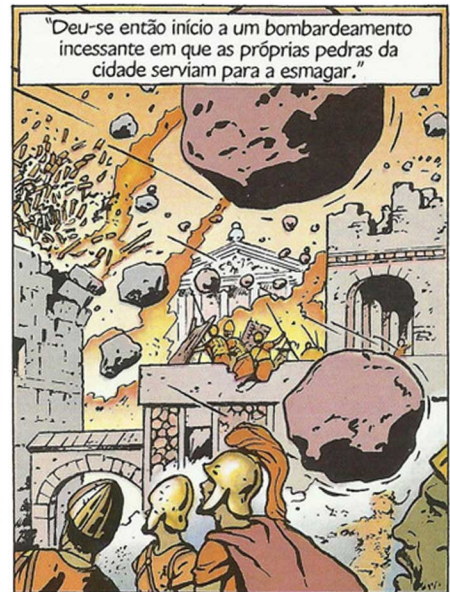
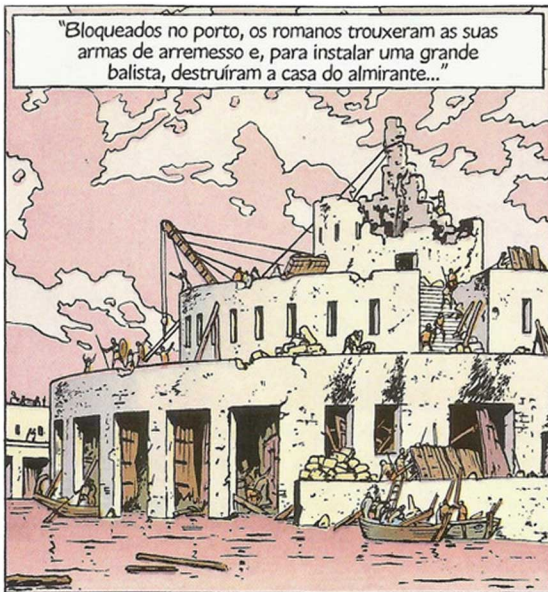


"Na altura em que os romanos se preparavam
para o assalto final, aquela fortaleza dominava
a cidade e era uma espécie de símbolo do
poderio cartaginês."



"E para os soldados de Roma, que andavam a marcar passo há meses, era o objectivo
final... A recompensa de três anos de guerra!"

⁽¹⁾ Em 146 a.C.



"Os últimos defensores tinham-se entrincheirado na cidadela, mas estranhamente os bombardeamentos pararam como se os romanos quisessem poupar o último vestígio de poderio púnico."



"Entretanto, Cartago agonizava!... Morria exangue e os infelizes apanhados vivos eram imediatamente levados para serem vendidos aos mercadores de escravos que aguardavam nos destroços do porto."



"Cipião Emiliano tinha, por fim, alcançado a sua vitória. Seguindo as ordens estritas do Senado, apressava os seus soldados a expulsar os miseráveis que se encontravam nas ruínas."



"Havia que destruir tudo, arrasar a cidade, e os legionários não tardaram a demolir os muros que ainda estavam de pé."



"Assim que um pedaço de terra era desentulhado, reviravam o solo e espalhavam sal para que nunca mais nada aí crescesse."

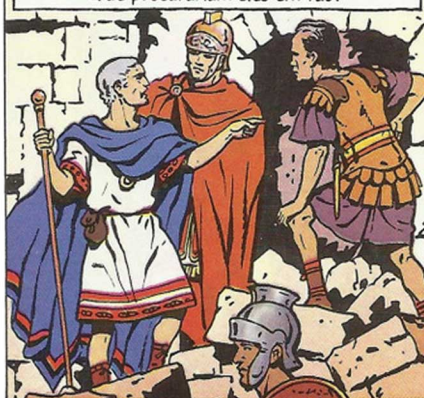


Então e o palácio dos Barca que ainda se mantém de pé lá em cima?...

Apesar de ter sofrido bastante no final dos combates, manteve-se insolentemente erguido.



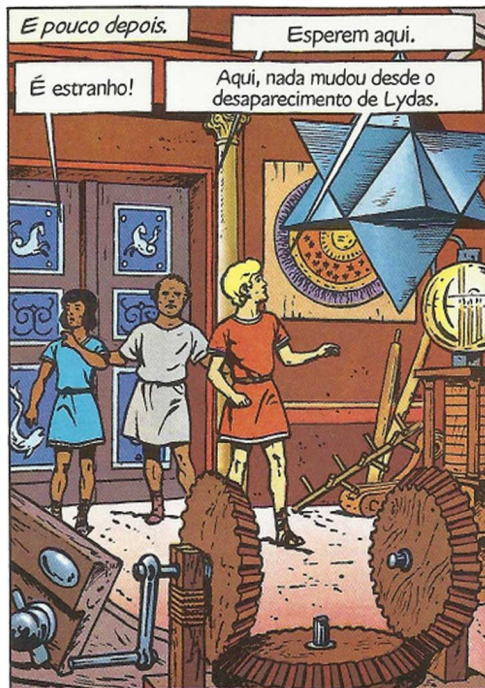
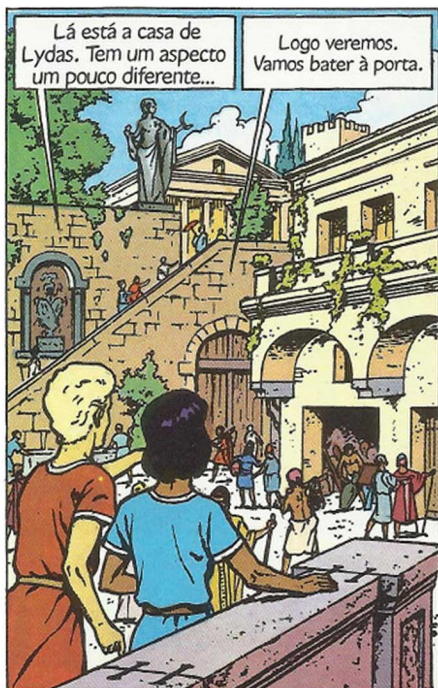
"Estranhamente, os romanos passaram dias e noites a revolver a cidadela. Retiraram todos os móveis e todos os objectos, mas não pareciam satisfeitos. Chegaram mesmo a vir senadores, de ar grave e apreensivo, para a inspecionar. Que procurariam eles em vão?"



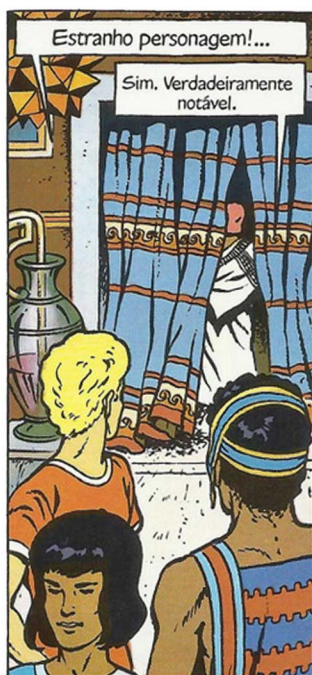
Desde que a nova cidade foi construída, as buscas foram praticamente suspensas, bem como as destruições da antiga Cartago, como se os vencedores quisessem deixar o campo livre aos fantasmas.

Foi um deles que acabámos de ver!?





(1) Ver "A Ilha Maldita".





Eh!... Olha lá em baixo! O clarão!...



Aproxima-se de nós!... Oh!... Alix!...
ALIX?!



O que se passa?... Responde!... Alix!?... A luz vem aí!



Aaah!... Como é pesado!... Nunca conseguirei!... A luz! Depressa!...



Ele está gelado! Alix? Alix!?... O que é que?... Estou a ouvir passos! Há ali uma cavidade!...



E, segurando o corpo do amigo, Enak encolhe-se, agacha-se...



...e desliza lentamente na escuridão, sustentando a respiração.



Mas, de súbito, ouve-se um assobio agudo e a luz afasta-se nas ruínas, rodeada pela sua estranha escolta.



Entretanto, em casa do governador...

Isto é intolerável!

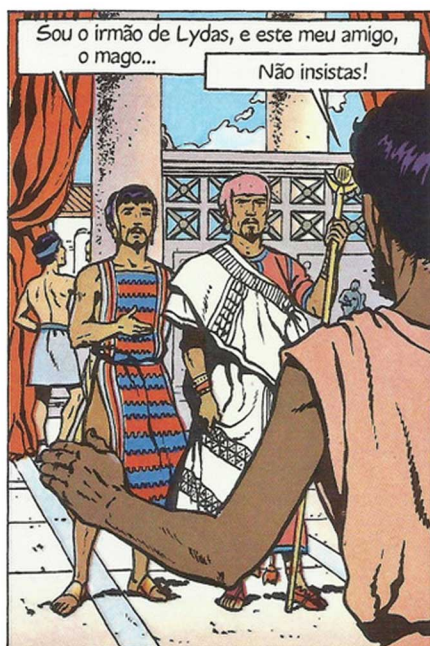
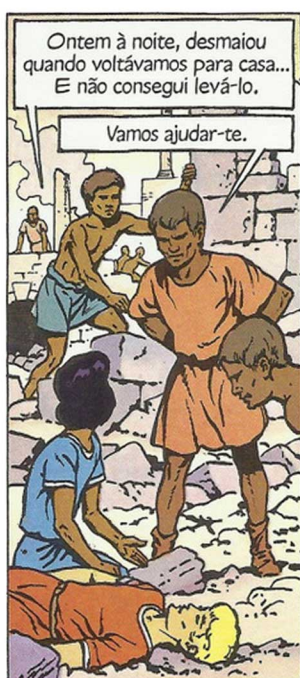
Não só este fenómeno ataca os nossos soldados como agora nos provoca descaradamente.

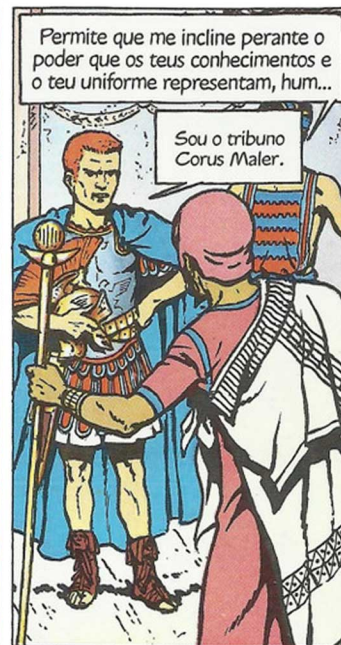
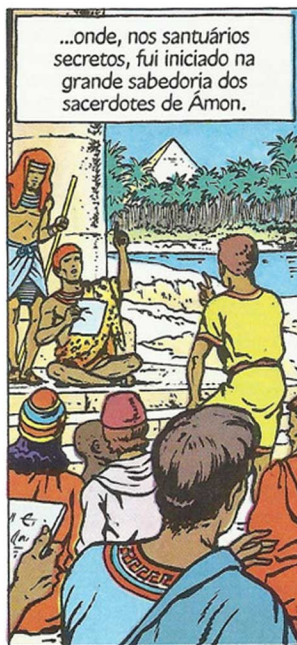


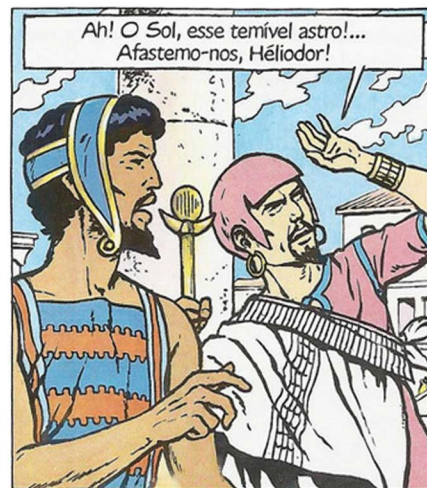
Dirige-se novamente para o antigo porto.

Deveríamos ter arrasado tudo.

Ainda vamos a tempo de o fazer!

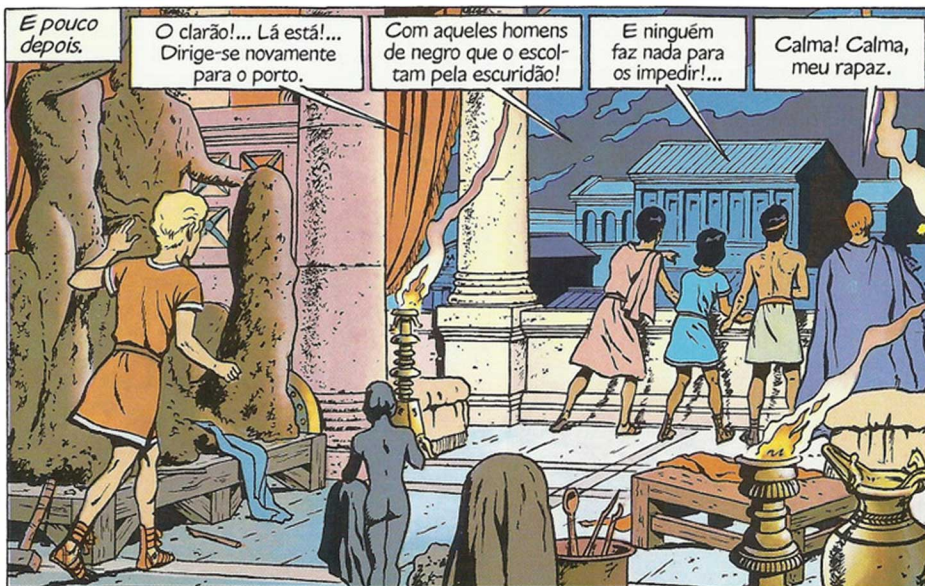








Aaah!... Queimei-me nesta lamparina! Foi ela que me tirou deste pesadelo!...



E pouco depois.

O clarão!... Lá está!... Dirige-se novamente para o porto.

Com aqueles homens de negro que o escoltam pela escuridão!

E ninguém faz nada para os impedir!...

Calma! Calma, meu rapaz.



Mas mais adiante.

Rápido! Rápido! Safemo-nos.

Mas!... E as ordens!...



Todas as noites a mesma coisa!

Porque haveria de mudar!?



Alix!? Eis o nosso ressuscitado!

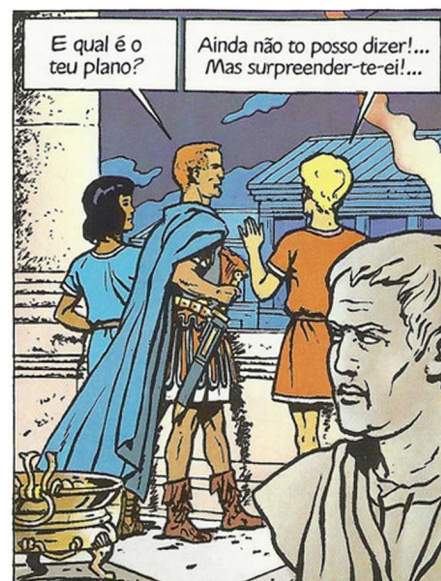


Estive assim tão mal!... Hem?...

Sou Corus Maler, o tribuno encarregado da ordem pública em Cartago... Sim, estiveste mal, meu rapaz; pior que isso. Mas o importante é que estas vivo, não é?...



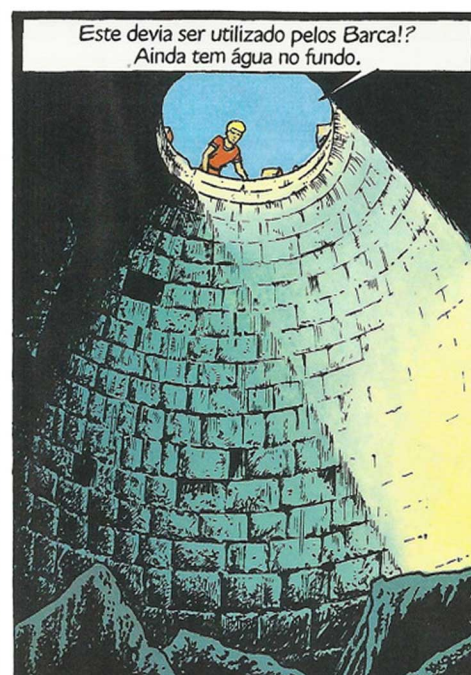
Sim, mas agora tenho umas contas a ajustar com aqueles que me quiseram assassinar... E tenho a impressão de que não são alheios a estes fenómenos nocturnos.

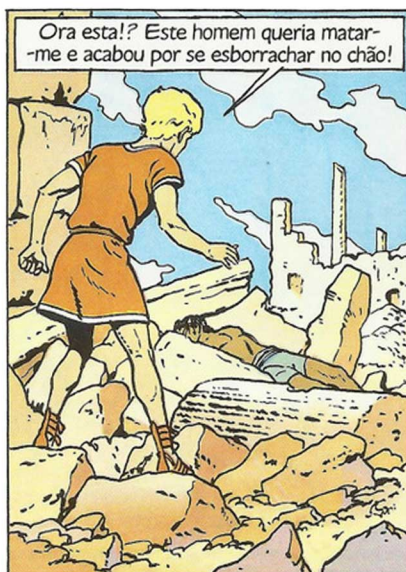


E qual é o teu plano?

Ainda não to posso dizer!... Mas surpreender-te-ei!...







Ora esta!? Este homem queria matar-me e acabou por se esborrachar no chão!



PSST-PSST...

Talvez seja Enak!? Em todo o caso, cuidado!



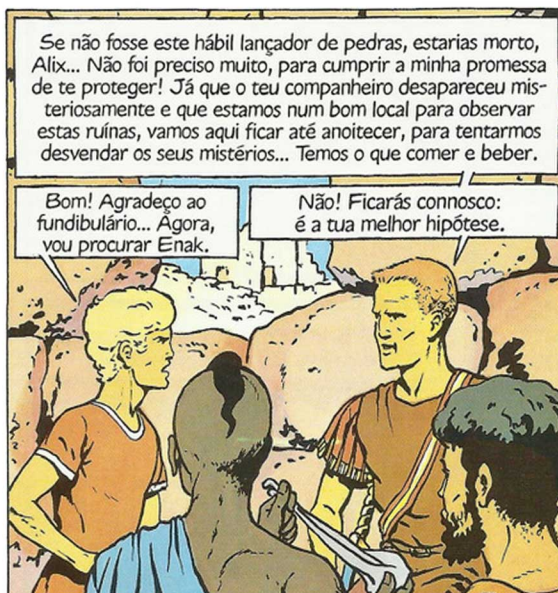
Por aqui. Não tenhas medo.

Enak? És tu?...



Não o vimos, mas chegámos mesmo a tempo de abater o teu agressor.

Corus Maler?



Se não fosse este hábil lançador de pedras, estarias morto, Alix... Não foi preciso muito, para cumprir a minha promessa de te proteger! Já que o teu companheiro desapareceu misteriosamente e que estamos num bom local para observar estas ruínas, vamos aqui ficar até anoitecer, para tentarmos desvendar os seus mistérios... Temos o que comer e beber.

Bom! Agradeço ao fundibulário... Agora, vou procurar Enak.

Não! Ficarás connosco: é a tua melhor hipótese.



As horas passam lentamente até surgir o astro de Târita que vem clarear a noite.



De repente.

Ei! Venham ver!... Mas silêncio! Nem um ruído!

Um homem: sai do solo!...



Extraordinário!

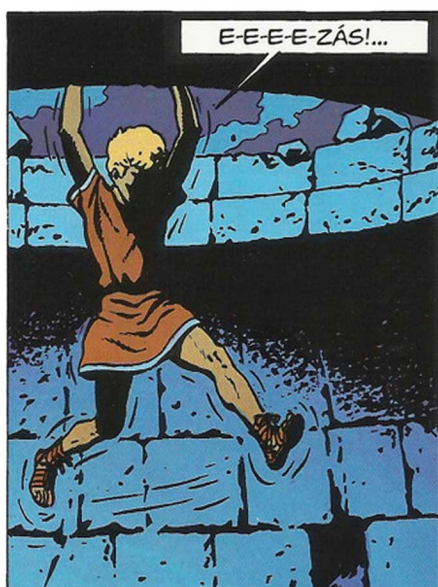
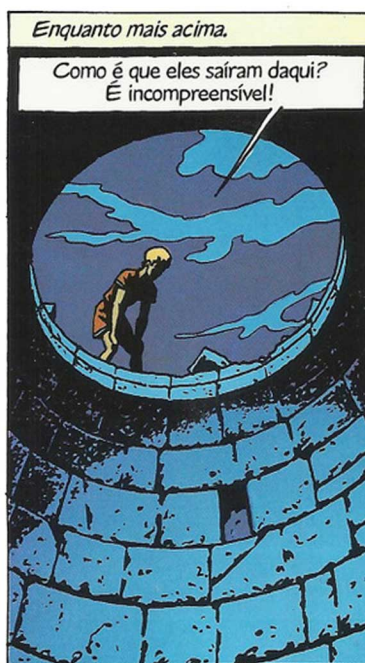
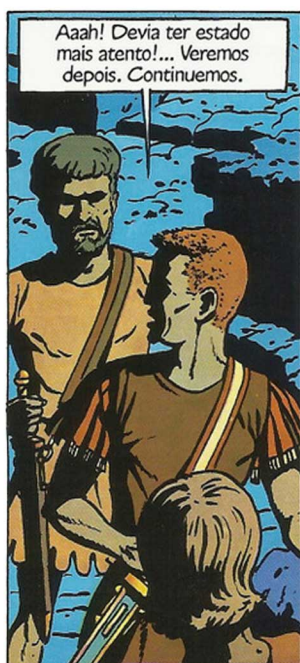
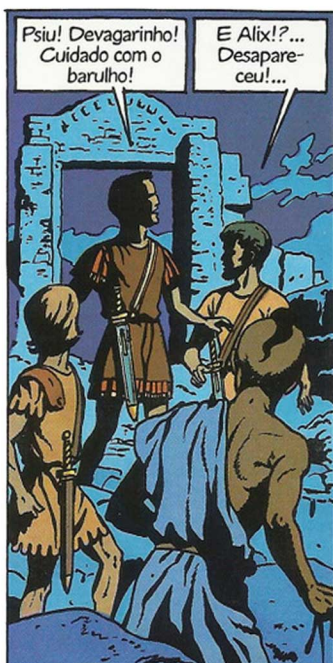
Outro!... E mais outro!?

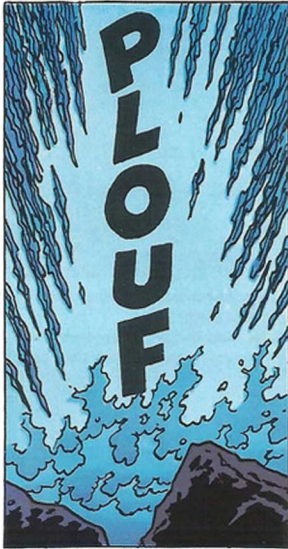


Uma luz!...



Atenção! Ei-la!...





Uuuh!... Foi por pouco!
Mas o pior já passou.



O quê!? Uma escada!...
Ah! Estou a perceber;
alguém a retirou... Pois bem,
só me resta continuar.



E pouco depois.

Preciso de arranjar uma arma... Talvez ali?...
Maldição! Passos! Vem aí alguém!...



Entretanto, perto do porto.

Com tanto cuidado, perdemo-los de vista! Mais depressa.



Eh!... Uma emboscada!

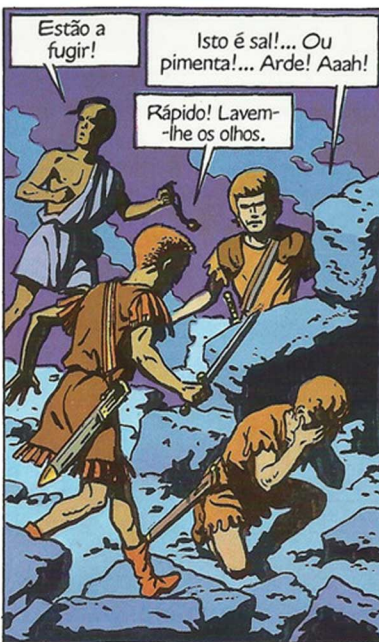
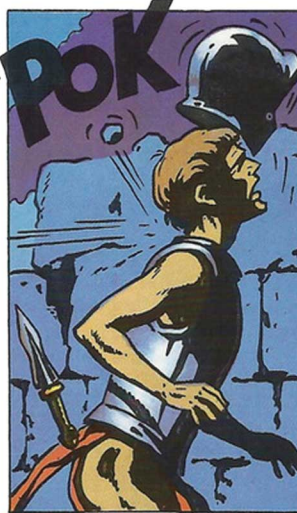
Mantenhamo-nos juntos.



Menos um!...



AAAAAH!





Eh!... O teu cão!... Parece estar doente! Vem depressa!

Djetha!...



Djetha! O meu cão!...



Ó Djetha! Mas que tens tu?... Estás velho, eu sei, mas não me deixes ainda... Que seria de mim sem ti?...

Oh! Fraco adivinho me saíste! Imaginas presenças insólitas e nem sequer viste que esse bicho está doente. Pega nele e vem. Lamentar-te-ás depois.



Vão-se embora! Uf!

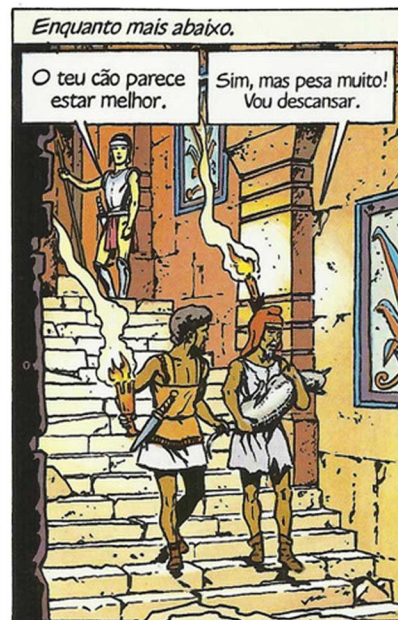


Alix fica um momento sem se mexer.

Uma luz do outro lado... Então, há uma passagem por ali!?



Um trinco!... É uma porta!... Como é pesada! Hã!?



Enquanto mais abaixo.

O teu cão parece estar melhor.

Sim, mas pesa muito! Vou descansar.



Fiquemos aqui à espera que os outros regressem.

Querem comer?

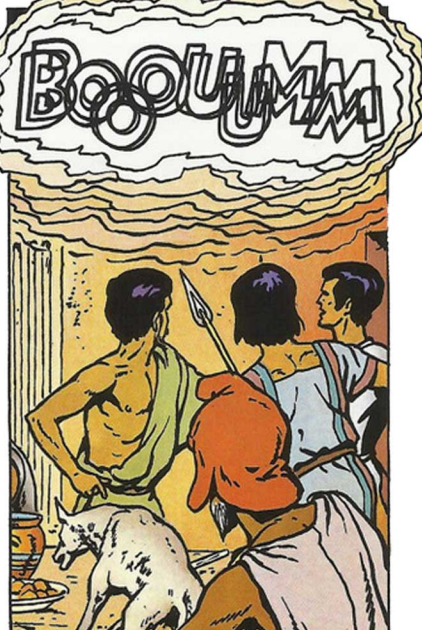
Não recusamos.



Pronto!

Ah! O teu cão está a acordar.

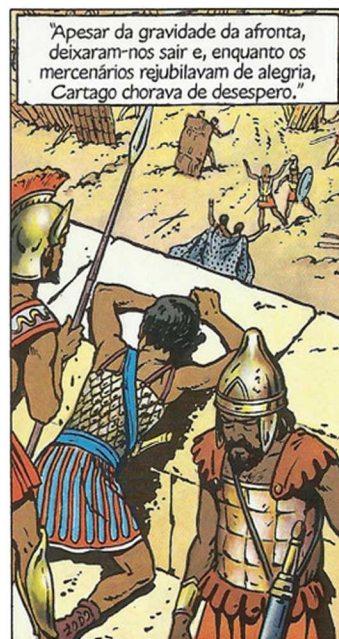
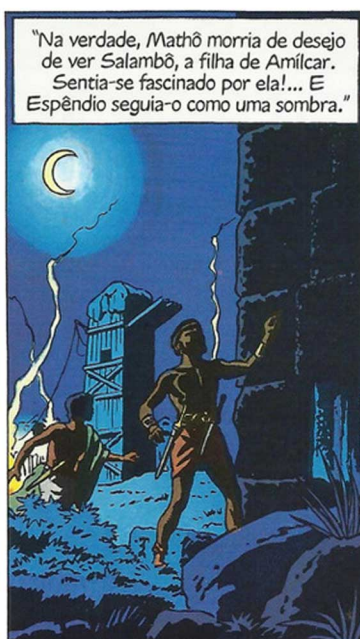
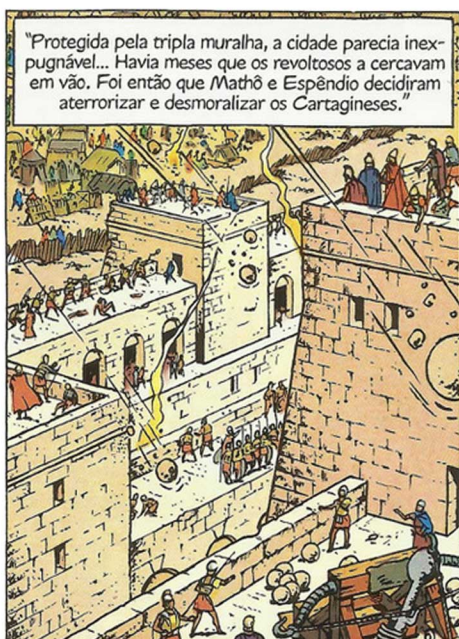
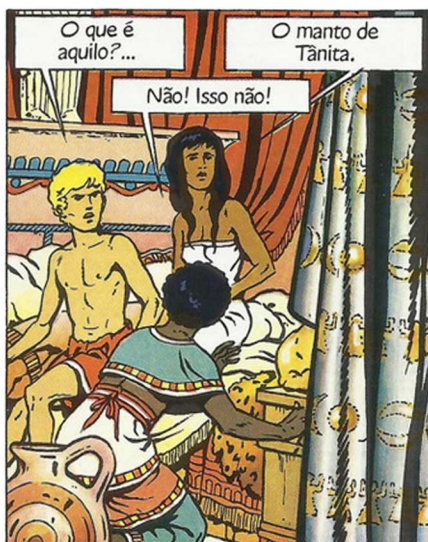
Tem sempre fome, é como eu... Fome há tanto tempo, há tantas gerações que nunca conseguiremos ficar completamente saciados...



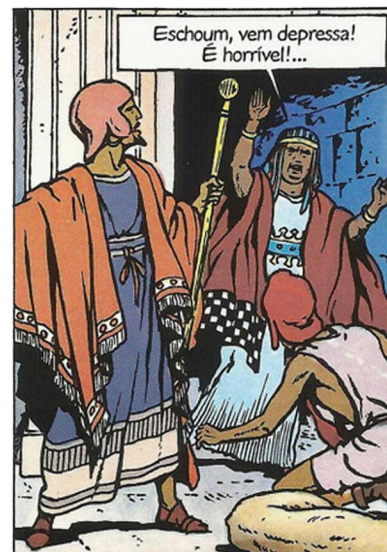
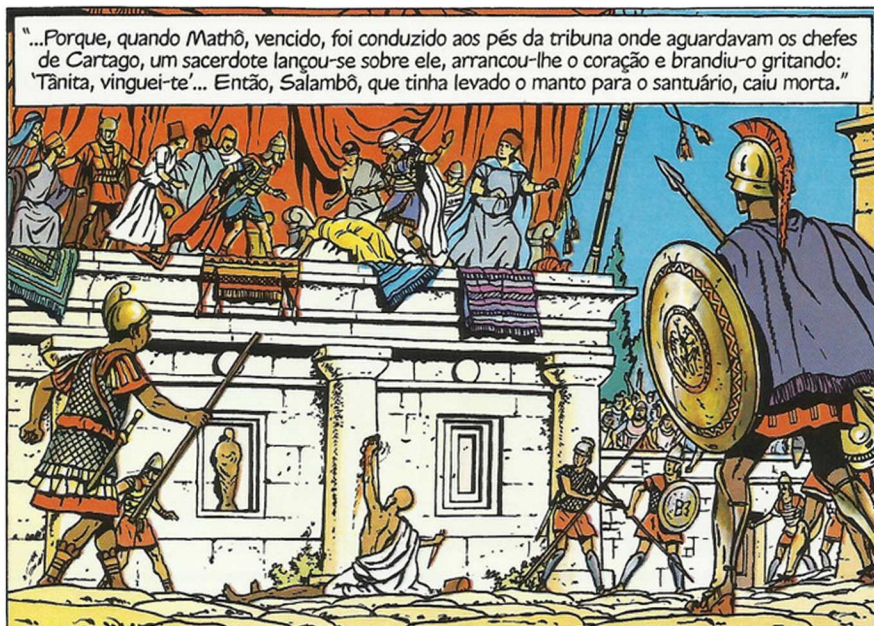
BOUUM





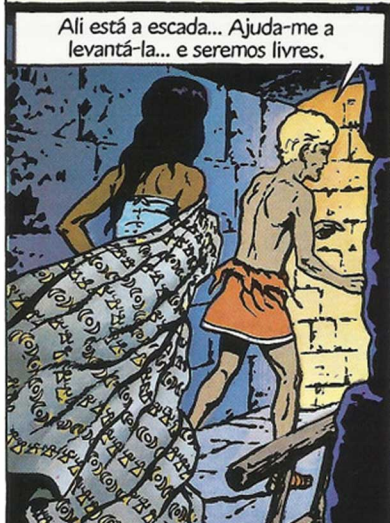


(1) Ver "O Túmulo Etrusco".



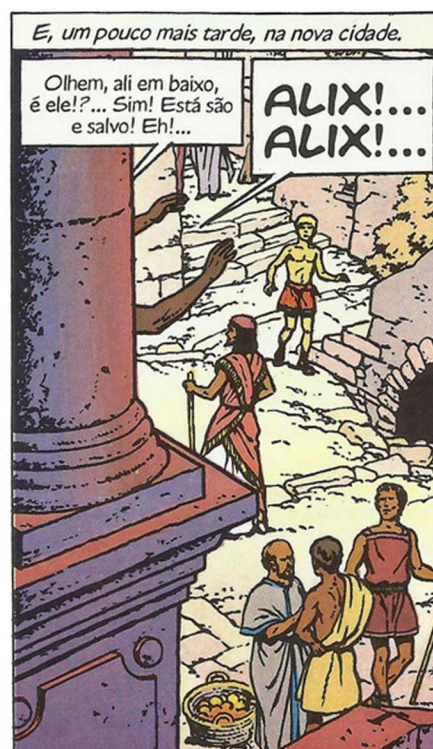
(1) Os Cartagineses comiam carne de cão.

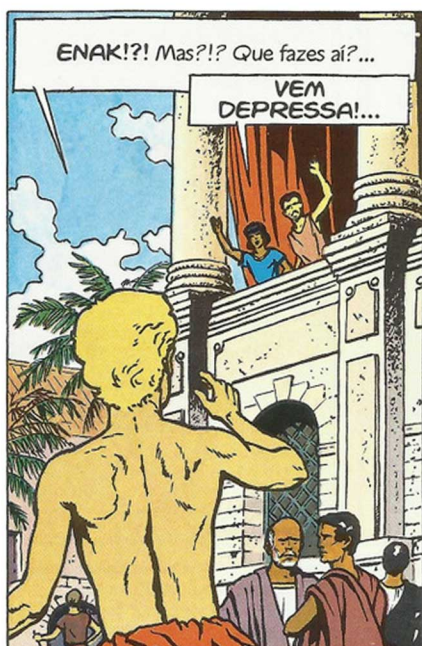
E enquanto Samthô e Alix chegam perto do velho poço...

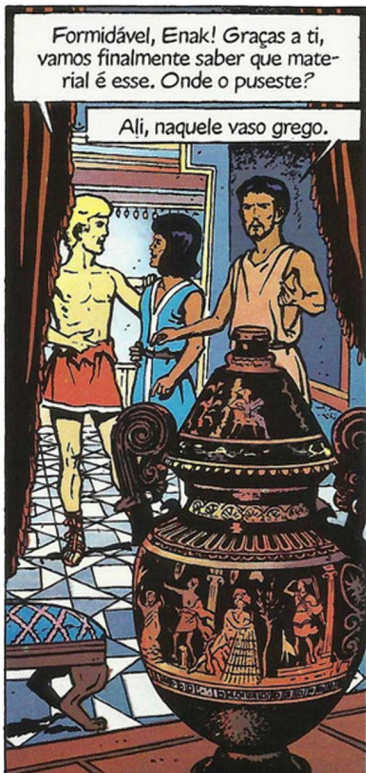
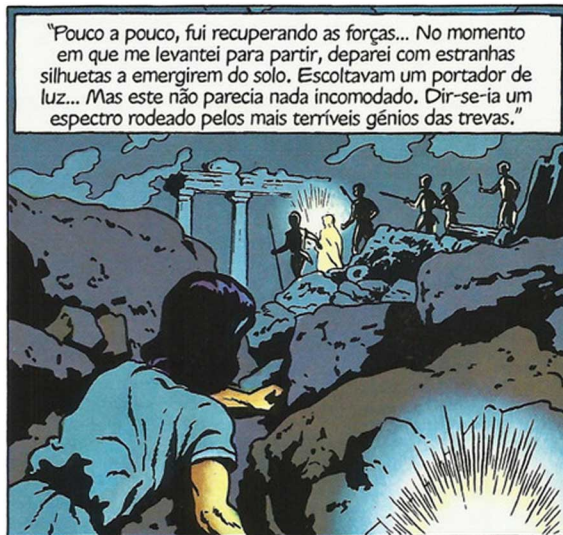


Eschoum irrompe nos aposentos da sacerdotisa de Târita.



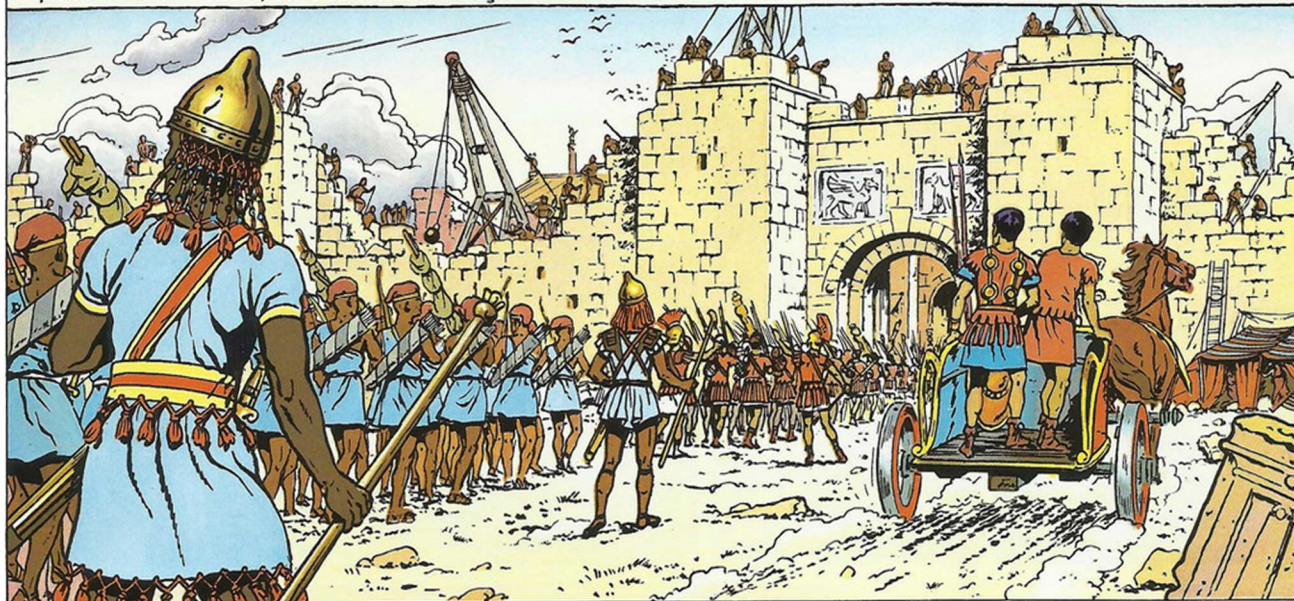




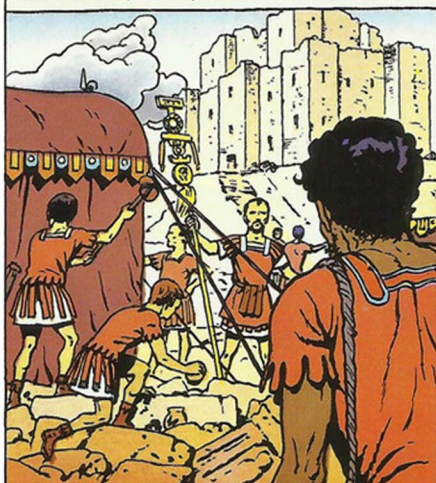




No dia seguinte, uma coluna de veteranos passa sob a arcada da antiga porta dos grifos, seguida pelos temíveis arqueiros berberes e os famosos cavaleiros númidas, enquanto do alto que ainda resta das muralhas os cartagineses contemplam demoradamente esta multidão que se introduz na cidade, como um monstro couraçado de bronze e ferro.



Por fim, quando as tropas param, o antigo palácio dos Barca está cercado! Os soldados montam, então, as tendas e instalam-se.

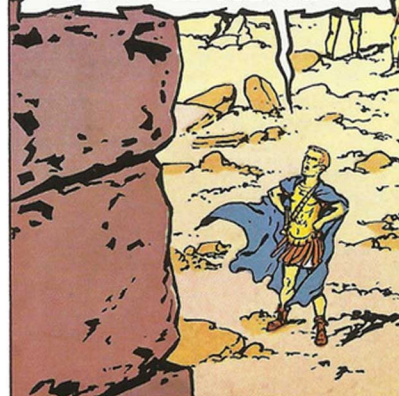


Entretanto, da cidadela, apenas o silêncio responde ao tumulto das tropas... E, no horizonte, uma tempestade rebenta: ao longe, os deuses parecem irritados.



De repente, um homem avança, só.

**ESCHOUM!... SOU EU!...
CORUS MALER!...
DESAFIO-TE! MOSTRA-TE,
SE NÃO ÉS COBARDE!**

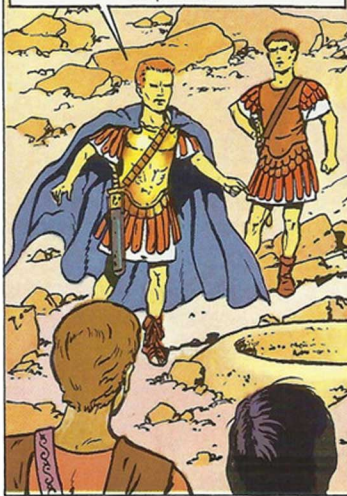


Apesar do insulto, o silêncio mantém-se, como se a construção mutilada quisesse manifestar um ativo e esmagador desprezo.

Não se atreve! Pois bem, vamos encerrar a presa na sua própria toca: obstruam todos os poços.

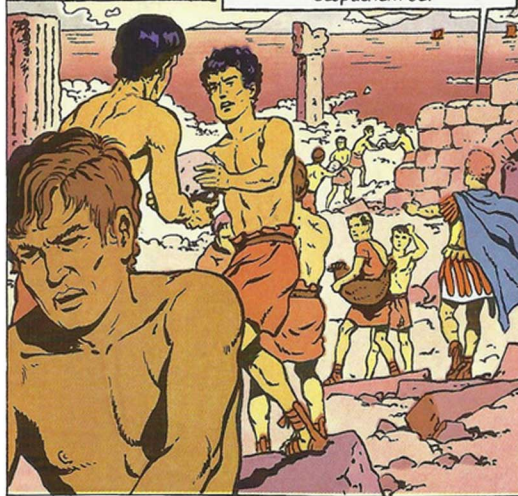


Começemos por este! Formem um cordão e não parem até estar cheio de pedras.



Então, sob um calor tórrido, os homens afadigam-se...

Não afrouxem o ritmo...
Aí à frente, aguadeiros, despachem-se!



...E as velhas cisternas vão-se enchendo com uma barulheira infernal.



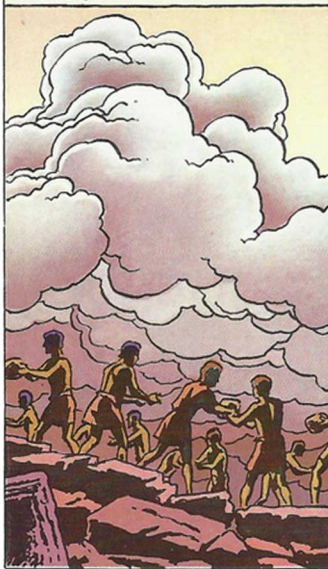
E mais tarde.

Pronto, tribuno, o trabalho está terminado.

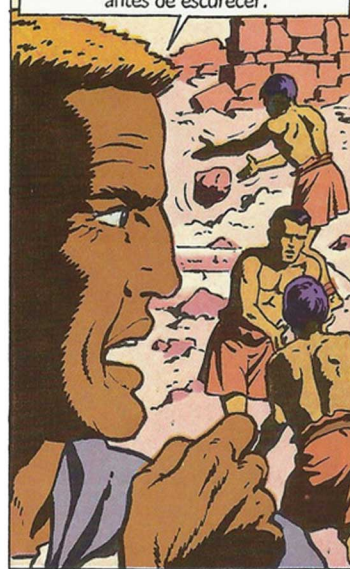
Perfeito! Agora, façam o mesmo aos outros poços, nas imediações.



E o trabalho recomeça sob as nuvens negras que se acumulam no céu.



Despachem-se: a noite cai. Tem de estar tudo terminado antes de escurecer.



Uf! Acabou-se. Enchemos o último poço.

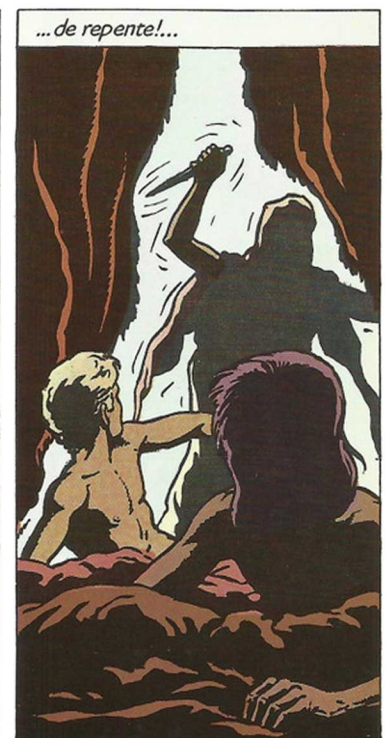
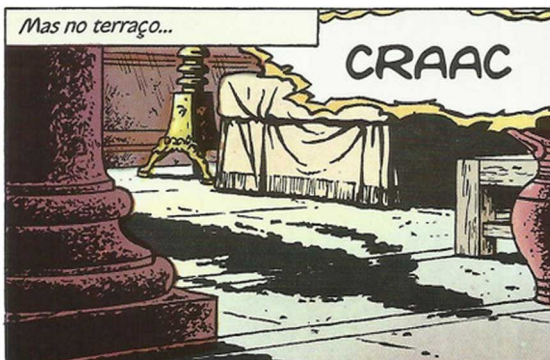
Ah! Ah! Não têm escapatória. Acendam as fogueiras e distribuam ração dupla de víveres.

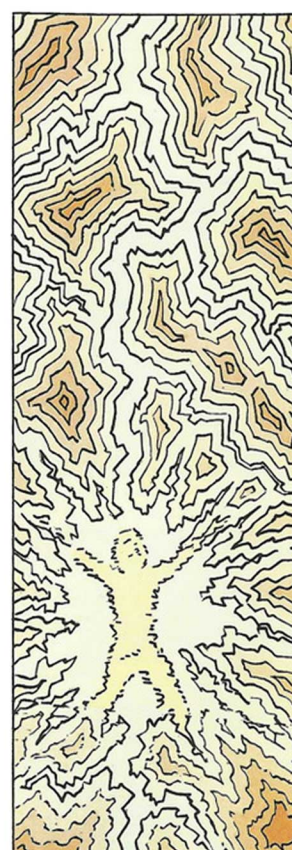
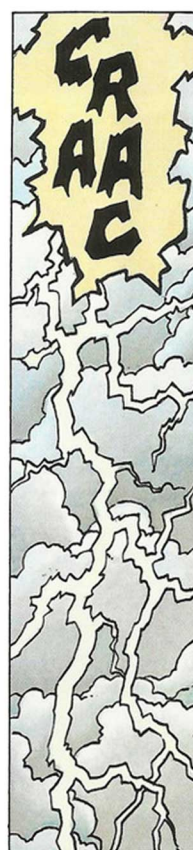
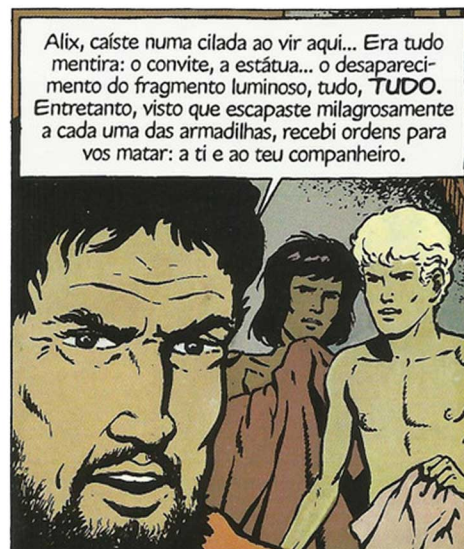


Agora esses malditos portadores de luz já não poderão sair... a menos que se transformem em fantasmas!...

OH!... ALÉM!...







Petrificados de horror, Alix e Enak vêem o corpo incendiar-se...



...depois, cair na rua, onde acaba de ser consumido pelas chamas.

Anda! Não fiquemos aqui.

Sim, a chuva está a parar.



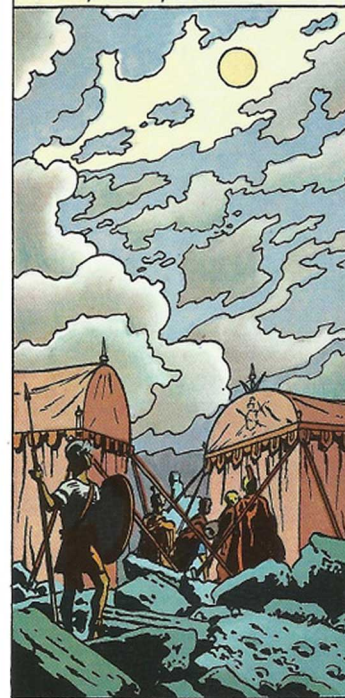
E pouco depois.

Quem vem lá?...

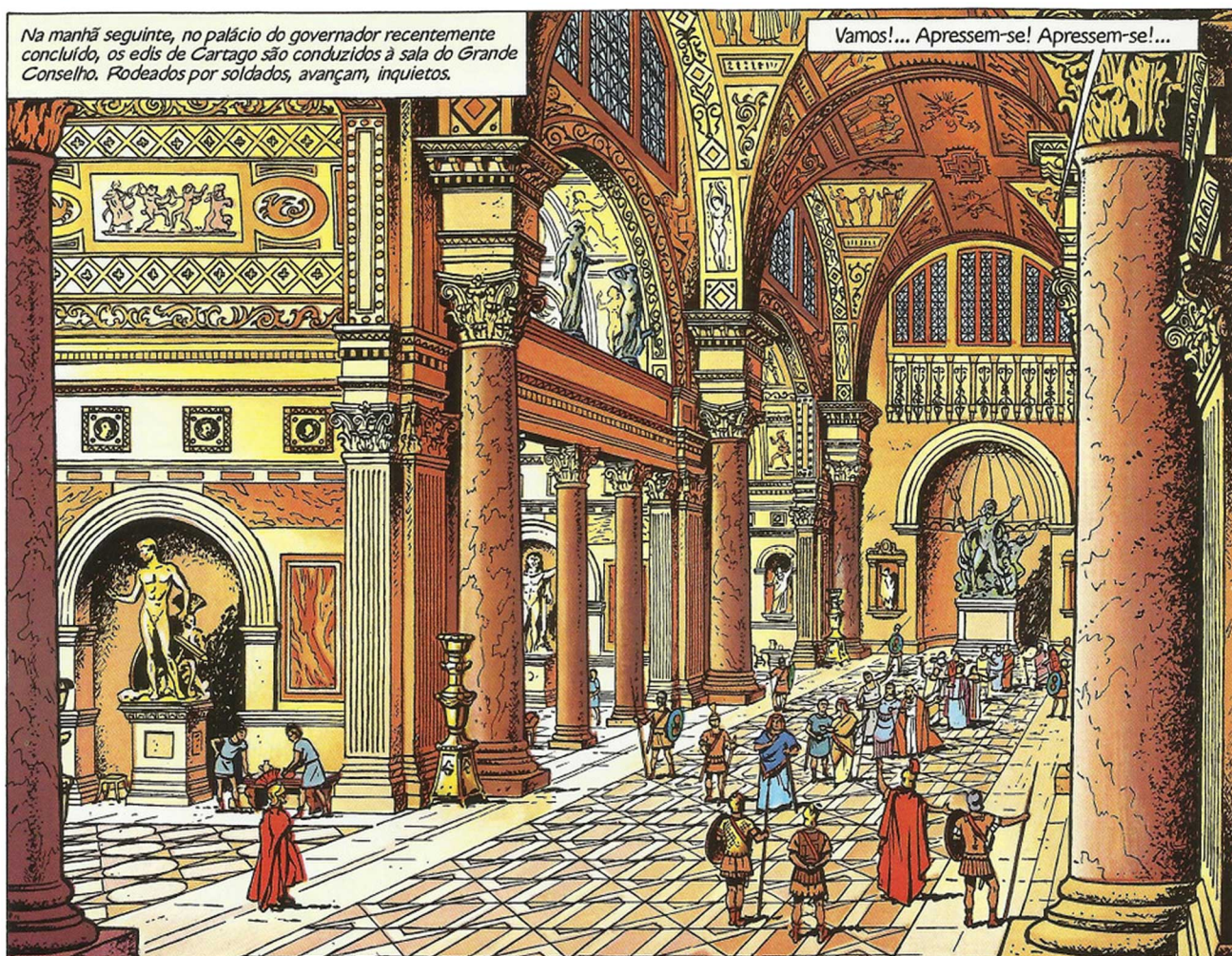
Amigos do tribuno Corus Maler. Levem-nos junto dele.



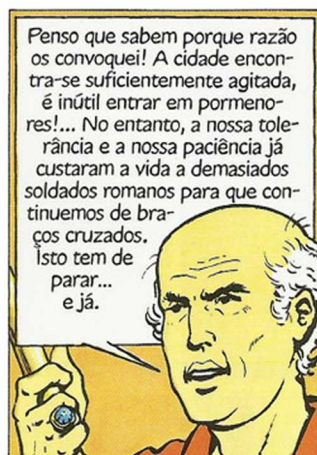
E, no momento em que os dois amigos entram na tenda do chefe romano, o céu descobre-se de repente e o astro de Tânitá aparece, iluminando as ruínas... A tempestade parou.



Na manhã seguinte, no palácio do governador recentemente concluído, os edis de Cartago são conduzidos à sala do Grande Conselho. Rodeados por soldados, avançam, inquietos.



Vamos!... Apressen-se! Apressen-se!...



(1) Cada cidade colonial romana dispunha de um fórum e de uma cúria.



Está tudo destruído!...
Mas entremos.
Sigam-me.

Levaram e
partiram tudo.
Que pilhagem!



Maldição! Que belo trabalho de demolição!



Até as paredes foram marteladas. Esforçaram-se por não deixar qualquer vestígio, nem uma pista.

Venham ver! Esta
passagem foi tapada.



Eis a resposta de Eschoum à ob-
strução dos poços!... Isto é a guerra,
um incidente da luta. Vamos, por-
tanto, intensificá-la. Venham, temos
mais que fazer noutra lugar.



Ali, ainda há marcas de
criptogramas, estás a ver?...

Sim, mas estão
pouco nítidas!

Todos para a fortaleza
dos Barca.



Alix?... Enak?... Vamo-nos
embora. Não se demorem,
pois nada mais há que fazer
aqui. Despachem-se.



VAMOS JÁ!...
É impossível decifrar o
que resta, está mesmo
ilegível. É pena!...



AAAH!. AAH!
AAAAAH!



O som veio daquele corredor, à esquerda... Mas parece completamente obstruído.

Não te aventure muito.



Vês alguma coisa?

Chiu! Ouço um som fraco, como de uma respiração.



AAAAH!

Ajuda-me a tirá-lo. Agarra-o pelo ombro direito.

Ali!...



Tropeça a cada passo! Eh-lá!

O seu corpo é agitado por fortes tremores... Vamos deitá-lo aqui.



Mas de repente.

Aaah!... O fogo!... O fogo que os meus olhos já não vêem, mas que me queima as entranhas! Aqueles monstros obrigaram-me a engolir aquela luz infernal! Aaah!... O tição da morte está dentro de mim.

Alix! Cuidado! Ele vai fazer-me cair!



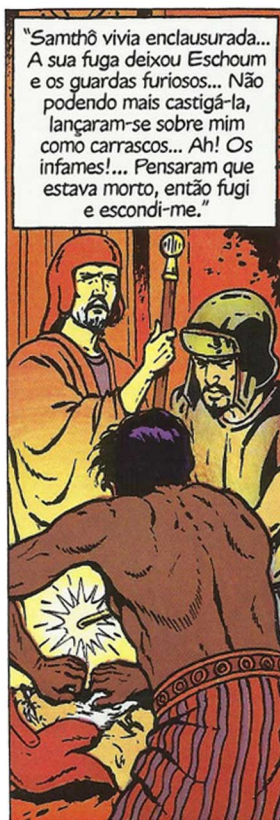
Alix!... Alix?!... És tu?!... Tu finalmente. Que os deuses sejam louvados!



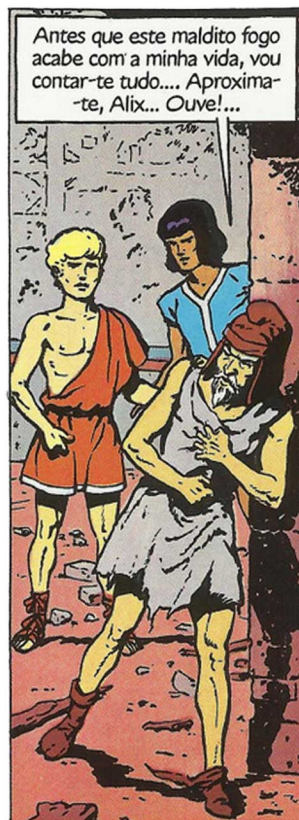
Deixa-me tocar-te!... Deixa-me sentir o teu rosto, tu que alegraste os últimos instantes da minha menina.



"Mas quem pode assemelhar-se a Salambô? Como ter a terrível austeridade... e o imenso orgulho daquela beleza incomparável que dominava do alto do seu palácio."



"Samthô vivia enclausurada... A sua fuga deixou Eschoum e os guardas furiosos... Não podendo mais castigá-la, lançaram-se sobre mim como carrascos... Ah! Os infames!... Pensaram que estava morto, então fugi e escondi-me."



Antes que este maldito fogo acabe com a minha vida, vou contar-te tudo... Aproxima-te, Alix... Ouve!...



Só amava dois seres: Samthô e o meu cão! Agora, encontram-se ambos no deserto do esquecimento... Ó Alix, em memória da minha menina, vinga-me!... Vinga-nos!... Suplico-te!... Por amor a ela, que deveria ser uma outra Salambô.



Primeiro, deixa-me sentar...
Sinto a vida a esvaír-se! Aaah!...
Ouve! Aproxima-te... Vem...



Todas as noites,
Eschoum faz escoltar os
pedaços de oricalco, esse
metal fabuloso... Há
muito tempo, Amílcar
conseguiu adquirir toda
a quantidade conhecida
no mundo...



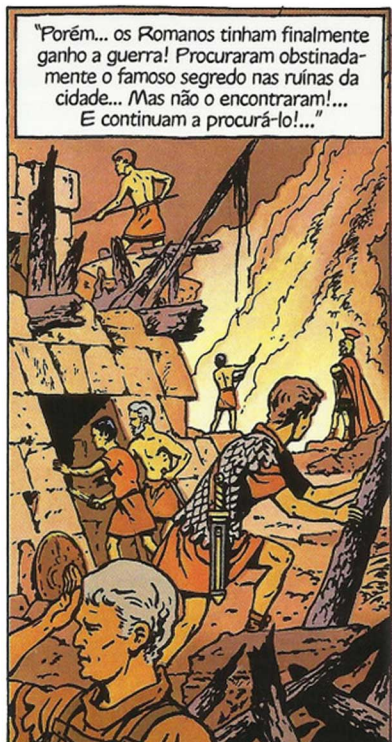
"Fê-la transportar em arcas, cujo
interior era forrado a chumbo...
Chegada a Cartago, a carga foi
levada para o palácio. Amílcar
não se cansava de contemplar
aquele tesouro."



"O oricalco dava aos Púnicos um
tremendo poder... Os seus inimigos
tinham de o saber... Mas também era
necessário dissimulá-lo, escondê-lo
o melhor possível nos subterrâneos."



"Doravante, certa da sua força, Cartago podia desafiar o mundo... E fê-lo enviando mercenários à conquista de um Império! Foi então que inúmeros barcos regressaram carregados de riquezas fabulosas e que a orgulhosa cidade se embriagou com o seu poderio."



"Porém... os Romanos tinham finalmente
ganho a guerra! Procuraram obstinada-
mente o famoso segredo nas ruínas da
cidade... Mas não o encontraram!...
E continuam a procurá-lo!..."



"Com o tempo, os Cartagineses
esqueceram-se do esconderijo...
Até que apareceu Rafa!... E o
seu irmão Eschoum!..."



Ah! Agora entendo: os
olhos!... Têm o mesmo
olhar!... Eis porque motivo
Eschoum me odeia tanto! (1)



Mas quem é aquele que, todas
as noites, transporta o ori-
calco?... Porque razão se
dirige sempre para o porto?...



"Não o conheço!... É um mistério!...
Só sei que veio de Itália... e que
o seu ódio a Roma é terrível!..."

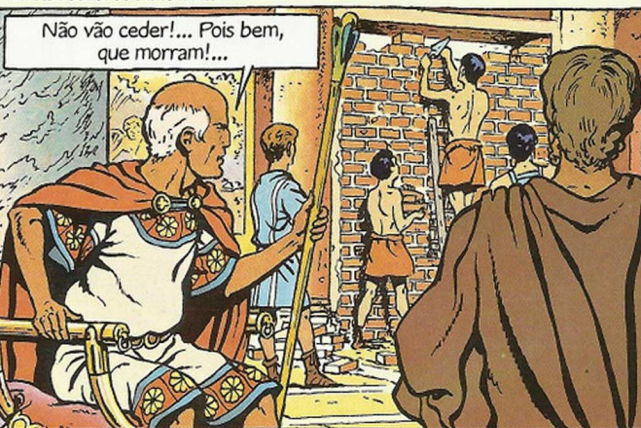
(1) Ver "A Garra Negra".

Entretanto, Corus Maler acelera a destruição do antigo palácio...



Estas pedras servirão para edificar uma nova cidade aqui mesmo.

...Enquanto o governador assiste, furioso, à conclusão do muro que enclausura os notáveis.

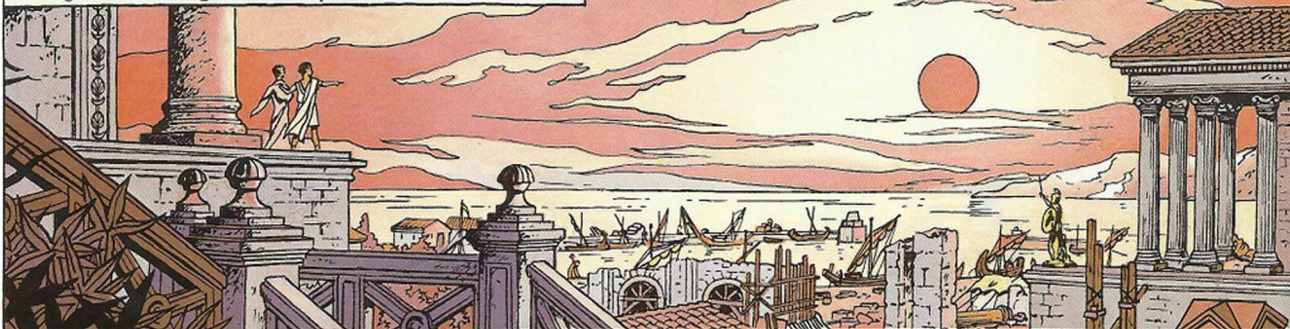


Não vão ceder!... Pois bem, que morram!...

Chegada a noite, uma multidão de soldados vasculha as ruínas... mas sem qualquer resultado: não encontram a mínima presença insólita.



Na manhã seguinte, um Sol cor de sangue rompe a neblina e lança sobre Cartago clarões inquietantes...



...que logo invadem a sala onde os edis se encontram enclausurados.



Olha!... Hannon está a tentar sair!

Afasta-te dessa porta!... Para a próxima, não falharei.

POK

Mas!... Eu!... Eu só queria ver se... se... Oh!... Quando vamos comer? Isto não pode continuar!...



Nesse momento,

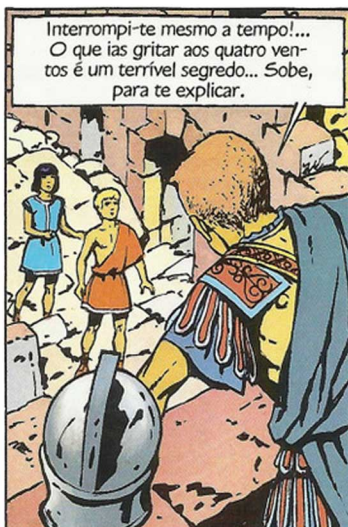
Ah! Estás aí, Alix!... Já me perguntava o que seria feito de ti! Decididamente, tu...

Corus Maler. Sei de tudo!... O que os homens transportavam durante a noite era ori...



CALA-TE!... POR TODOS OS DEUSES, CALA-TE!...





Interrompi-te mesmo a tempo!...
O que ias gritar aos quatro ventos
é um terrível segredo... Sobe,
para te explicar.



Mas, não estou a compreender:
o portador da luz já não é um
mistério!?

Ele não, mas o
que transporta
ainda o é...



E enquanto as nuvens se acumulam e propagam uma luz
estranha...

Aqui, ninguém nos poderá
ouvir... Ora bem! O oricalco
é um material estranho, com
propriedades extraordinárias.



Permite a transmutação
de certos metais e con-
fere a outros um poder
terrível, capaz de incen-
diar uma floresta, derru-
bar uma montanha ou
aniquilar uma cidade
inteira, reduzindo-a a
cinzas. Percebes agora
o poder que dá a quem
o possui.

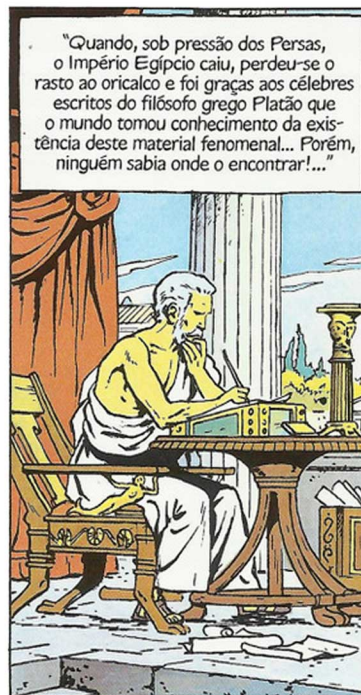
Então, porque há
tão pouco? Onde
se encontra?



"Não há minas. O oricalco
foi descoberto após uma
chuva de meteoritos ter
caído no deserto."



"Um dos projectéis tinha aberto um
buraco enorme e brilhava com aquela
luz que já conheces, até que os
Egípcios ousaram aproximar-se... Foi
assim que tomaram posse do mais fan-
tástico mineral alguma vez conhecido.
Mas, como sempre, os faraões dissimu-
laram cuidadosamente a descoberta."



"Quando, sob pressão dos Persas,
o Império Egípcio caiu, perdeu-se o
rasto ao oricalco e foi graças aos célebres
escritos do filósofo grego Platão que
o mundo tomou conhecimento da exis-
tência deste material fenomenal... Porém,
ninguém sabia onde o encontrar!..."



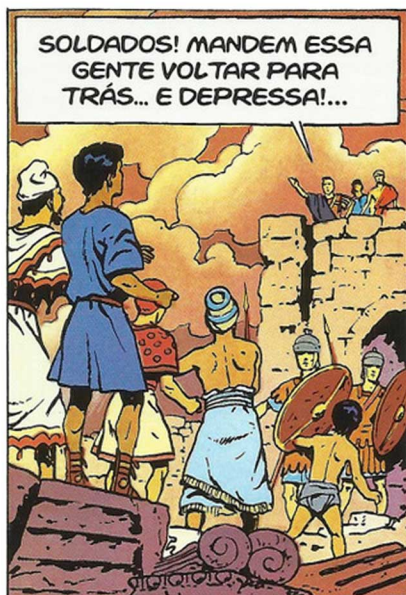
Roma soube-o à sua custa, aquando da segunda guerra púnica. Cartago tinha conseguido
apropriar-se dele!... Felizmente, as legiões triunfaram e, quando esta cidade maldita foi
conquistada, procurámos incansavelmente o tesouro... Infelizmente, em vão!



De súbito...

Eh!
Olha, estas pessoas vêm da
cidade nova!

Mais um golpe,
certamente!



SOLDADOS! MANDEM ESSA GENTE VOLTAR PARA TRÁS... E DEPRESSA!...



Mas os cidadãos rechaçados logo reaparecem, amontoando-se nos muros.

Esta multidão aguarda alguma coisa, é evidente; mas, visto que é composta tanto por romanos como por cartagineses, mais vale não a tratar com aspereza... por agora!



Afinal, que soubeste tu? Quais são os projectos de Eschoum?

O transporte de oricalco para o antigo porto terminou. Foi tudo carregado a bordo de um barco que deve zarpar daqui mal as circunstâncias sejam favoráveis.

Como esta tempestade que volta a ameaçar!... Mas quem te informou disso?...



"Um velho que teve o infortúnio de ser apanhado entre mim e Eschoum! Já morreu."



"Esta madrugada, Enak e eu levámo-lo para a colina dos defuntos."



Antes de morrer, revelou-nos toda a história. Como deves calcular, pretendem impedir que os Romanos encontrem o oricalco, para depois se servirem dele para os combater.

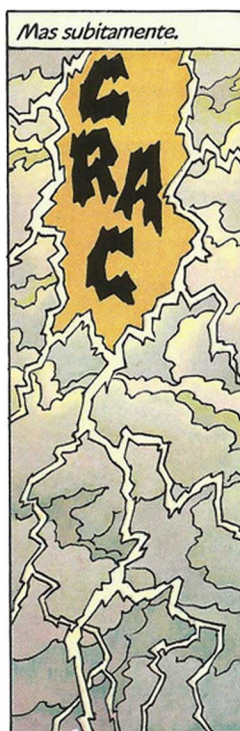


O barco está escondido algures por ali e, no momento certo, sairá e ninguém o poderá alcançar.



Um barco! Neste porto completamente destruído! Mas isso é impossível!

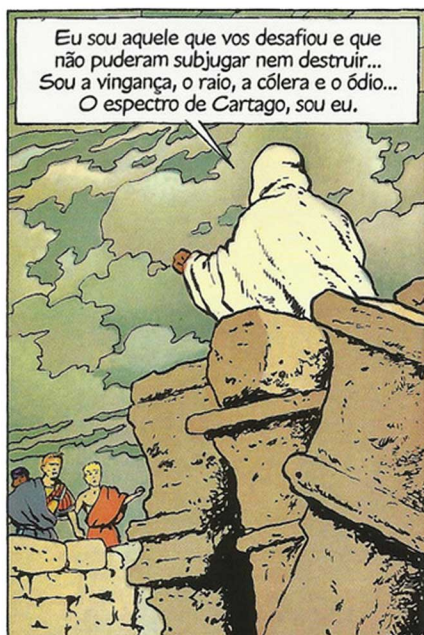
Sabe-se lá!?... Talvez atrás de algum daqueles muros!



Mas subitamente.



CARTAGINESES! ESCUTEM-ME, SE PUDEREM! ROMANOS, OLHEM-ME, SE OUSAREM!...



Eu sou aquele que vos desafiou e que não puderam subjugar nem destruir... Sou a vingança, o raio, a cólera e o ódio... O espectro de Cartago, sou eu.



Mandem avançar os arqueiros. Rápido!...

NÃO!... Tentemos apanhá-lo vivo!



Alix, vou revelar o meu rosto... e talvez me reconheças pelas cicatrizes!... Talvez!?



Então?... Que dizes?... Sim, eu sei que é horrível, mas para mim é ainda pior, pois, sob esta aparência de monstro, o meu coração palpita de entusiasmo e de vida... E de uma raiva indescritível contra ti, Alix.



É um louco perigoso. Temos de o abater. Os arqueiros vão...

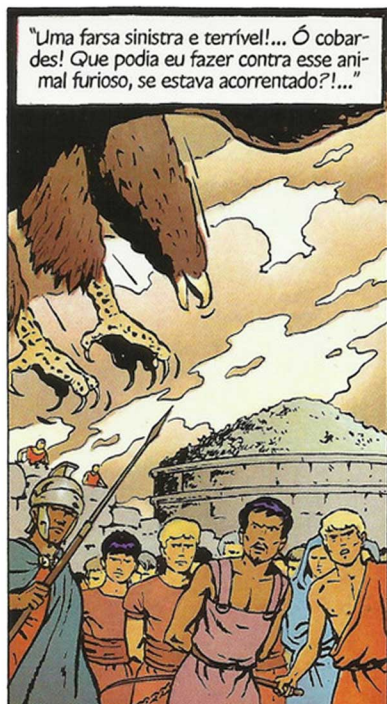
Não, Conus Maler. Se ele morrer, não saberemos mais nada.



Olha para as minhas mãos queimadas pelo oricalco, esse tesouro que transportei incansavelmente noite após noite nas vossas barbas, para que nunca venha a cair nas garras de Roma.



OLHA este rosto mutilado por tua culpa, Alix... Lembras-te, em Tarquínia... A águia! Esse raio a que chamaram fogo de Júpiter, o Grande, e que mais não era do que uma ave de rapina adestrada (1).



"Uma farsa sinistra e terrível!... Ó covardes! Que podia eu fazer contra esse animal furioso, se estava acorrentado?!..."



Agora, chegou a hora da vingança!... Depois poderei morrer; morrer satisfeito.



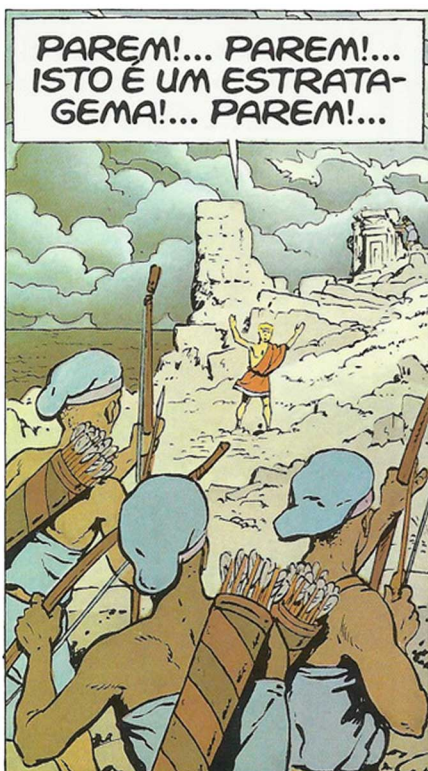
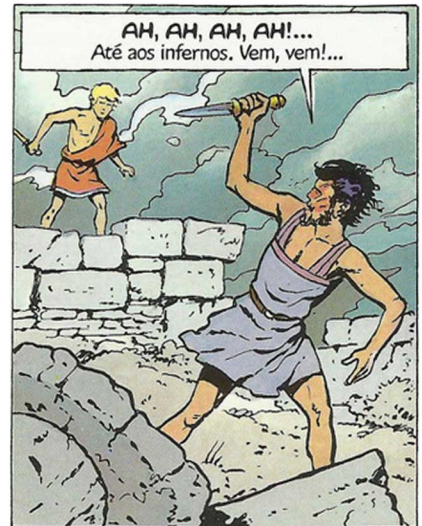
Aqui tens uma arma igual à minha, Alix... Vem buscá-la e lutemos até ao fim... Agora, bem podes chamar a tua águia!

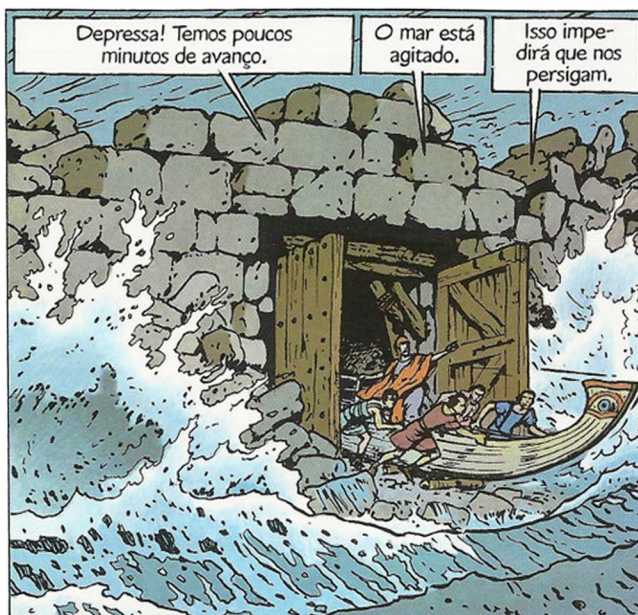


NÃO!... ALIX!...

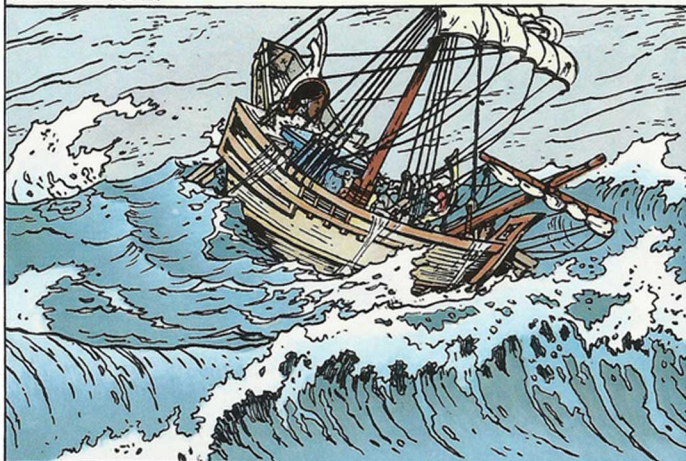
FICA AQUI!...

(1) Ver "O Tumulo Etrusco".





Mas, apesar das vagas aumentarem de violência, a embarcação consegue acostar ao navio.



A arca, depressa: é o essencial!... Os homens depois.

Agarrem-se à rede e subam.



É incrível, conseguiram!

Não fiques aí, tribuno, isto está a ficar perigoso! Pode vir uma tromba de água e...



Mas olha! A corrente está a trazer o barco para cá! Vai desfazer-se contra a margem! Ah! Ah! Ah!...

Vamos sair daqui, suplico-te!...



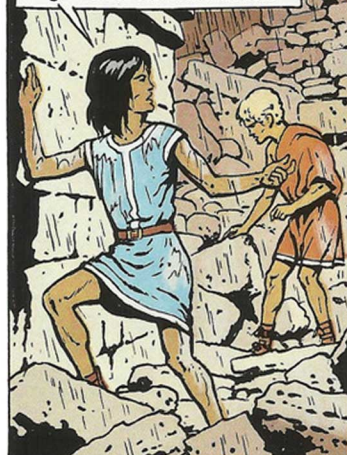
Força! Remem, remem! Vamo-nos esmagar! Remem... Ó Baal!



Entretanto, nas ruínas...

Que triste sepultura, mas fizemos o que podíamos por este homem, que foi um terrível inimigo!... Decididamente, nós...

Alix, a tempestade está cada vez mais forte. É melhor abrigarmo-nos sob esta abóbada.



Despacha-te, vais ficar encharcado.

De facto! O céu e a terra parecem unir-se para impedir que o oricalco saia de Cartago.





Nada resta do acampamento dos soldados; à excepção de alguns focos de incêndio que assinalam o local das tendas... Mas o maior mistério é o súbito desaparecimento do vento e da chuva.



É é nessa atmosfera insólita que os enclausurados do novo palácio se evadem. Atordoados e sem saber bem o que os espera, os notáveis saem em fila por uma das fendas que acaba de se abrir no edifício.



Apenas a velha cidadela púnica se mantém intacta!... Livre dos seus destruidores, domina Cartago, altiva e aparentemente indestrutível.



Após uma longa hesitação, Alix decide por fim voltar à luz do dia.



Depois deste tumulto, que silêncio esmagador! Não podemos ficar aqui mais tempo. Vamos, Enak.



Que horror!... Esta cidade, já tão sacrificada, acaba de sofrer mais uma catástrofe!... Algo de terrível destruiu o porto e revolveu os escombros.

Esse "algo" também fez desaparecer o acampamento dos legionários e dos berberes! É pavoroso!



Mesmo assim, tudo leva a crer que os deuses se tornaram mais romanos do que cartagineses: a nova cidade está danificada, mas de pé.



De facto!... E o Sol não fica em dívida com o Olimpo: os seus raios iluminam finalmente a cidade.

**EH!...
VENHAM CÁ!...**



Como é que escaparam ao desastre?... Quem são?...

Protegemo-nos do temporal debaixo de uma abóbada. Ele chama-se Enak e eu, Alix...

Aproximem-se.



Vamos conduzi-los junto do governador. Ele quer falar com cada um dos sobreviventes da catástrofe.

Há muitos?

Não, são os primeiros.



E pouco depois, os jovens atravessam imponentes corredores parcialmente destruídos...

Por aqui.



Finalmente!

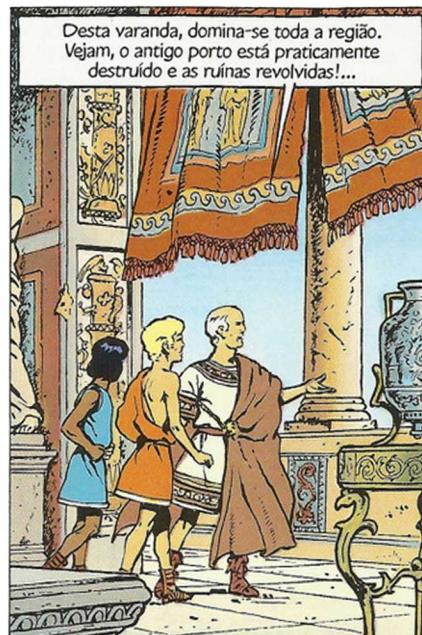
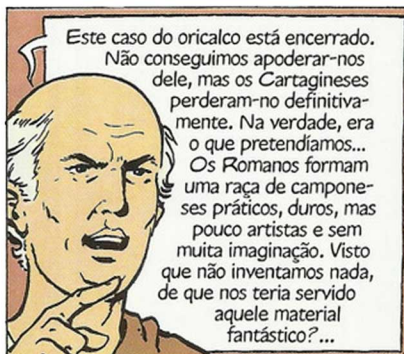
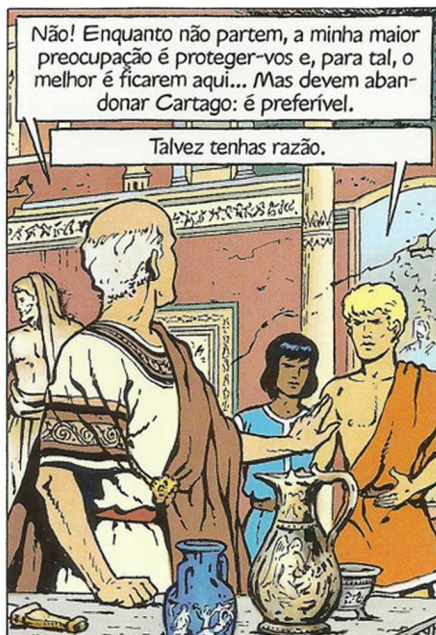
Senhor! Aqui estão Alix e Enak. Esconderam-se num subterrâneo e sobreviveram ao fenómeno que varreu a cidade. Cumprindo as tuas ordens, eu...

Está bem! Deixa-nos a sós!



Confesso que não esperava encontrá-los sãos e salvos!... Tanto melhor. Entretanto, tendo em conta os problemas que a vossa presença pode provocar, vou mantê-los entre estas paredes.

Isso significa que somos teus prisioneiros?...





Não se pode dizer que tragam muita bagagem! Tanto melhor, pois há pouco espaço a bordo.

Se for preciso, podemos esperar por outro barco. Isso evitaria que te cansasses com os teus sarcasmos.

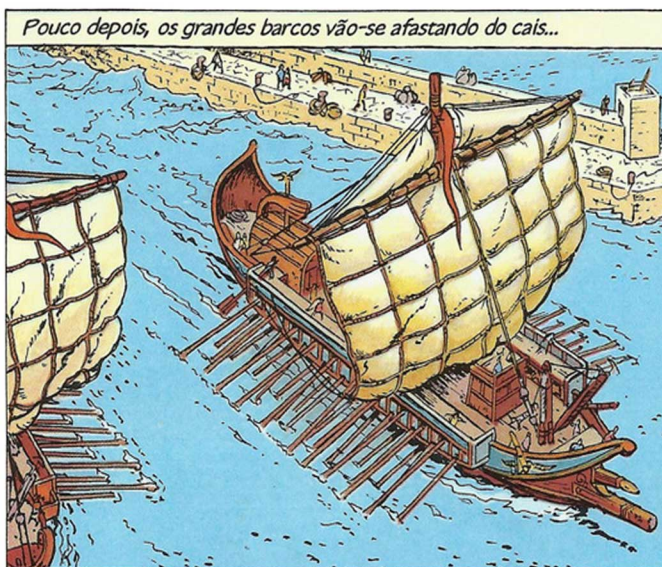


Destemido! Muito bem!... Creio que nos vamos entender. Sigam-me, vou conduzi-los à vossa cabina.

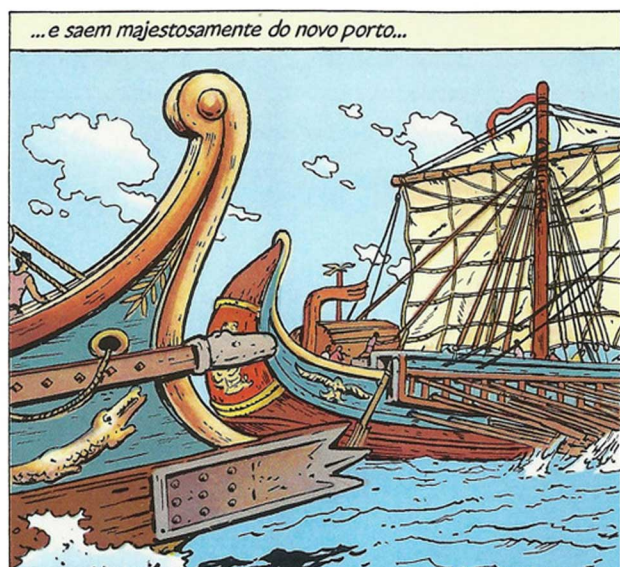


Pronto! É pequena, mas não temos nada melhor.

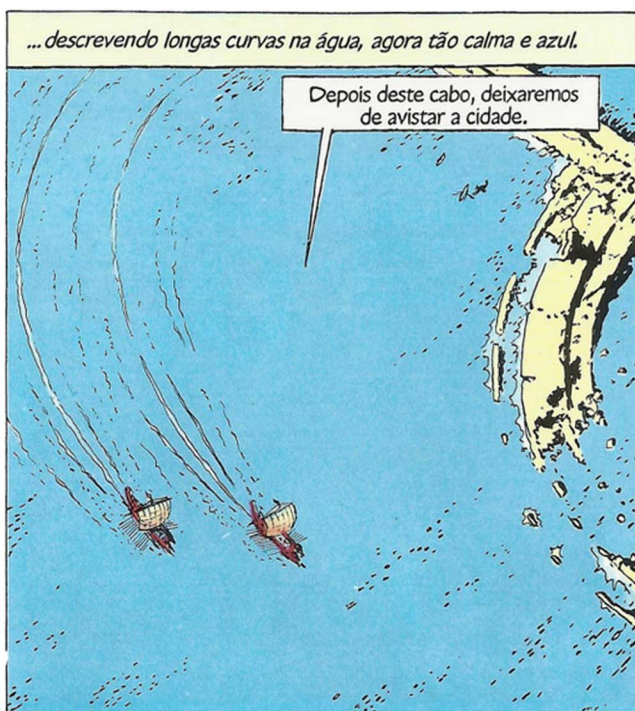
Chega perfeitamente!... Além do mais, ficamos na popa do navio.



Pouco depois, os grandes barcos vão-se afastando do cais...



...e saem majestosamente do novo porto...



...descrevendo longas curvas na água, agora tão calma e azul.

Depois deste cabo, deixaremos de avistar a cidade.



Talvez tenhamos acabado de assistir ao último abalo desta Cartago púnica, que fez estremecer Roma durante tanto tempo e que não será mais do que um monte de ruínas e de cinzas sob a nova cidade. Mas, no futuro, talvez venha a ser mais fascinante arrasada do que se tivesse sido vitoriosa!... Nunca morrerá completamente.

...E permanecerá Cartago, a misteriosa!...

FIM

Título original
LE SPECTRE DE CARTHAGE
© 1977 Jacques Martin / Casterman

Título
O ESPECTRO DE CARTAGO
© 2010, Edições ASA II, S.A., uma editora do grupo Leya

Editor responsável
Maria José Magalhães Pereira

Tradução
Paula Cactano

Adaptação
Cristina Vieira

Legendagem
Produção Leya

Capa
Produção Leya

Textos
Carlos Pessoa

Impressão e acabamentos
Mirandela – Artes Gráficas, S.A.

Co-edição
Edições ASA II
PÚBLICO

Maio de 2010
Depósito legal n.º 306 464/10
ISBN: 978-989-23-0804-3

Reservados todos os direitos

ASA

Edições ASA II, S.A.

DELEGAÇÃO EM LISBOA
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide
Telef.: (+351) 21 427 22 00
Fax: (+351) 21 427 22 01
PORTUGAL

www.leya.com

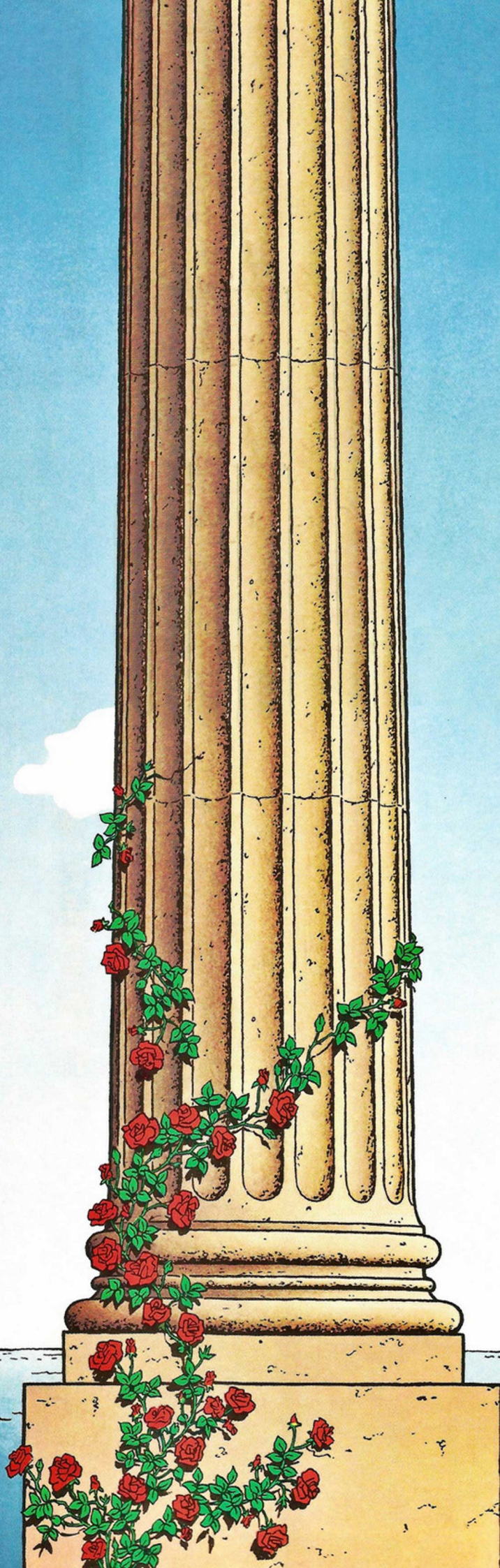
Público

Público, Comunicação Social, S.A.

LISBOA
Rua Viriato, 13
1069-135 Lisboa
Telef.: (+351) 21 011 10 00
PORTUGAL

PORTO
Rua João de Barros, 265
4150-414 Porto
Telef.: (+351) 22 615 10 00
PORTUGAL

call.center@publico.pt
www.publico.pt



Ano 53 a.C. Alix, um jovem escravo dos romanos, fica a saber quais são as suas origens. O amo, o patrício romano Honorus Galla, revela-lhe antes de morrer que os seus pais eram mercenários gauleses de uma tribo que combateu ao lado dos romanos. E que, por essa razão, tinha decidido protegê-lo.

Assim começa uma longa saga iniciada no dia 16 de Setembro de 1948 na edição belga da revista *Tintin*. Alix, da autoria de Jacques Martin, é a mais completa e exigente série de matriz histórica produzida pela BD de expressão franco-belga. Mas seria demasiado simplista ver nesta criação a expressão típica do género de aventuras históricas. Sem enjeitar para os seus personagens um papel determinante no desenrolar da acção de cada aventura, o autor impregna a sua obra de uma dimensão trágica que permanece, para além do evidente classicismo do desenho e da dimensão "pedagógica" da obra, um elemento maior da narrativa.

As aventuras de Alix são o palco por excelência do choque de interesses, vontades, desejos e percursos individuais que, não raras vezes, se resolve de forma simultaneamente violenta e dramática, quase sempre injusta e, em muitos casos, hipotecando mesmo o efectivo poder do herói como motor da acção e agente das transformações que dele se esperam. Ou seja, Alix apresenta-se, na melhor tradição clássica, como um elemento mediador entre designios que em muito o transcendem, pondo em evidência uma dimensão humana que só muito parcial e limitadamente é senhora do seu próprio destino.

Nada disto retira a Alix a condição de um herói integrado na História, que luta corajosamente contra todos os que ameaçam a paz romana de forma desinteressada, tolerante, generosa e sensível. São estes atributos que fazem dele um herói claramente positivo e explicam o grande sucesso da série, agora publicada de novo em Portugal numa parceria PÚBLICO-Edições ASA.



ISBN 978-989-23-0804-3

9 789892 308043